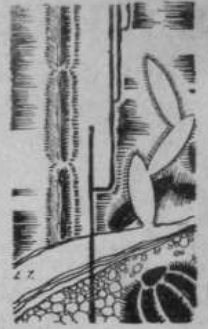




NORDENSTE



"São os do Norte que veem..."

VICENTE

Tomás SEIXAS

Vicente está de partida para a Europa. Irá voltar para Paris, onde viveu tantos anos e onde deixou parte do seu coração. Nós que amamos as cousas da arte sabemos o que isso significa. É mais um grande artista que se vai. Vai para a França, é certo, que ele ama, que todos nós amamos, mas deixará em nossa cidade um vazio enorme, insubstituível.

Joaquim Cardoso, Willy, Léo Ivo, Breno Acioly, Rangel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, também partiram. Partiram quase todos os que nesta terra amam a poesia. Que irá ser do Recife sem os seus poetas? Lula, Gilberto e Ascenso também estão longe e por quanto tempo ainda ficarão ausentes?

Agora chegou a vez de Vicente. E se o esplendido José Gonçalves ainda está entre nós é porque as eleições para deputado no Rio Grande do Norte ainda não se realizaram. O jovem poeta Edson Regis já começa também a sonhar com Paris e o seu maior desejo é ir viver lá.

Recife, dentro em breve, será uma cidade sem poetas, uma cidade sem artistas como já é uma cidade quase sem flores. E uma das melhores sugestões do 2.º Congresso de Poesia foi a de que o sr. Prefeito e os particulares plantassem mais flores em nossos jardins.

Conheci Vicente na intimidade. Passeamos longamente juntos, conversando, pelas velhas ruas de nossa cidade. Inúmeras vezes percorremos o estranho bairro de S. José, onde nas tardes pálidas surgem pelas praças dos conventos ou das ruas estreitas como corredores, frades e freiras, transeuntes conduzindo kodaks e mulheres leves como sombras.

Quantas vezes nos detivemos diante da igreja de S. Pedro conversando sobre pintura e poesia, sobre o mau gosto da gente do Recife e a vida de Paris? Sempre era um grande prazer para mim perambular pelas ruas do Recife na companhia de Vicente, durante a tarde e algumas vezes durante a noite. Alguns poemas que então escrevi vieram de sugestões de conversas com Vicente. Quase sempre nesses passeios íamos ao bairro de S. José que guarda em suas ruas, igre-

jas e casas a mais pura poesia.

Vicente me falava dos seus planos, recitavamos poemas e sonhávamos juntos. Nunca me cansei de admirar Vicente, suas palavras e gestos sobrios, sua energia concentrada, seu trabalho, sua vida pura, sua inquebrantável consciência de artista.

Aquêle homem tão simples, que passeava comigo, pensei muitas vezes, ao vê-lo simples e calmo, sobrio na vida e na arte, era um grande artista. Em silêncio ia realizando uma grande obra, com a energia indomável do homem que vive para a arte.

E esse grande artista em breve irá nos deixar. Em Paris irá continuar certamente sua vida de artista, enriquecida com suas experiências do Recife.

E nós bem sabemos o que essa fase do Recife representa na história da pintura de Vicente e da pintura brasileira.

Sei que Recife irá ocupar largo trecho na sua pintura, porque Vicente ama o Recife, ama-o como só o sabem amar os seus artistas e os seus poetas. Ele

ama a nossa cidade e a arte que temos feito aqui contra tudo, e muitas vezes contra todos os "primatas recifensis" que ele despreza tanto quanto eu. Foi ele o criador desse extraordinário "1.º Congresso de Poe-

sia do Recife", e aliás 1.º Congresso de Poesia do Mundo, que chocou-se como o 2.º iria se chocar com a incompreensão dos nossos primatas.

Roger Bastide, Michel Simon, Maurice Raynal, eu-

tre outros já colocaram a pintura de Vicente no lugar que merece, não somente entre os pintores modernistas do Brasil, mas também entre os grandes pintores da vanguarda da França e da Europa. A série de qua-

droz aqui iniciada com "O mundo que a cafeteira criou" representa um novo caminho na história da pintura brasileira.

Seu último poema para o 2.º Congresso de Poesia "A cantiga das tecelãs", é indiscutivelmente, o maior poema proletário da nossa literatura.

A renovação (brusca para os que não conhecem a maneira paciente de Vicente trabalhar), a partida das formas cubistas, imóveis e densas para o mais ousado dinamismo é um momento de nossa pintura. Mas creio que essa renovação é apenas um dos marcos da evolução da sua arte, porque Vicente não se cansa de tentar novas e arriscadas experiências, e não somente em pintura. Além de pintor Vicente é fotógrafo, escultor, impressor, poeta, escritor, motociclista e causeur admirável.

*

SUMÁRIO

Artigos de Tomás Seixas, Diogo Junior, Alberto Rangel, Eustáquio Duarte, Murilo Bruno, Luiz Delgado, Valdemar Cavalcanti, Sylvio Rabello, Otávio de Freitas Junior, Gentil Mendonça e De Castro Silva • Contos de J. C. C. Borges e Perunio Asfora • Poemas de Joaquim Cardoso • Ilustrações de Vicente e Zuleno



FREIRAS — Tela de Vicente do Rêgo Maranhão



NA FLORESTA — Tela de Vicente do Rêgo Maranhão

EM DEFESA DE UM PRODUTO VITAL PARA A ECONOMIA DE PERNAMBUCO

MOTIVOS DO RETARDAMENTO NA ENTRADA EM VIGOR DOS NOVOS PREÇOS ASSENTES PARA O AÇÚCAR NORDESTINO

Uma providência se impõe, para salvaguarda do futuro econômico do Nordeste: o estancamento do ideal expansionista, em detrimento do interesse nacional, com a repressão das medidas agora adotadas por São Paulo

A Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada reuniu, em sua sede, os representantes da imprensa, à tardinha de ontem, para dar algumas notícias sobre a situação do açúcar, assunto que interessa sobretudo aos pernambucanos.

Conforme foi anunciado, realizou-se na terça-feira, 9, uma Assembleia Geral Extraordinária da Cooperativa dos Usineiros, para que ficasse resolvida em definitivo a orientação a ser seguida pela mesma em relação aos negócios de açúcar na safra a se iniciar em setembro próximo. A reunião se revestiu de um cunho de excepcional brilho, pois todas as questões foram decididas com alto espírito de compreensão e cooperação, dentro da mais perfeita cordialidade, terminando por ser obtida unanimidade na aprovação de todos os pontos a resolver.

REGIME DE CLASSIFICAÇÃO E CONTROLE

A Cooperativa dos Usineiros adotará um regime de classificação e controle de vendas que assegurará a distribuição da safra em perfeita ordem, atendendo aos interesses dos produtores e consumidores. As falhas que existiram durante a safra finda, foram oriundas do preço deficiente fixado para a referida safra, buscando os usineiros, através de interpretações várias, soluções para os seus problemas. É evidente que tal estado de coisas não podia continuar, pois o que é justo e equitativo é que o produto alcance normalmente um preço de acordo com os atuais custos na lavoura e na indústria.

Uma Comissão composta de esclarecidos membros da classe foi ao Rio e colaborou com o Instituto do Açúcar e do Alcool na organização do plano para defesa da safra 1946/1947, e se bem que não representasse exatamente a adequada remuneração para o tipo base cristal, foi estabelecida a cotação de Cr\$ 135,00 Fob Recife por saco de sessenta quilos. Essa cotação foi, aliás, inferior à encontrada por uma sub-comissão nomeada pela Comissão Central de Preços, devendo ser cobrada além dos Cr\$ 135,00 as diferenças de preço para os tipos de açúcar superiores ao cristal, como é de praxe. Aguardada a resolução definitiva, há várias informações de que havia dúvidas sobre esta solução, embora tenha sido a mesma o resultado de inquéritos realizados por elementos oficiais e representantes do Governo.

RETARDAMENTO DA RESOLUÇÃO

Procurando a Cooperativa saber o motivo do retardamento da solução, veio a tomar conhecimento ontem de que tudo se prende à questão de preço para o Distrito Federal. O próprio presidente Dutra já se manifestou em desassêdo com esse privilégio conferido à população carioca. De fato, nada há mais absurdo e inconcebível a base de preço de açúcar que deve ser tomada para a organização dos tabelamentos, nas várias localidades do país, tem de ser a mesma. Não se pode admitir, especialmente no regime atual, que o Rio de Janeiro continue a comprar açúcar Cr\$ 1,00 em quilo abaixo dos demais centros de consumo do país. Entretanto, algumas autoridades no Distrito Federal estão procurando estorvar essa orientação sã e que tem em mira eliminar por completo o racionamento incômodo da capital federal, e as atitudes dos produtores que, revoltados pela

injustiça da que eram vítimas, estavam procurando fazer justiça pelas suas próprias mãos.

O APOIO DO INTERVENTOR FEDERAL

Os produtores pernambucanos diretamente e com o apoio do nosso ilustre interventor, dr. José Domingues, estão tomando as providências e apelando para o presidente da República, a fim de que o reajustamento de preço seja completo para que a nova safra possa ter seu curso sem irregularidade de qualquer espécie com bons resultados para todos os interessados.

O preço do açúcar no Recife não sofrerá grande aumento, apenas, porém, obteremos a regularização do mercado de açúcar para, deste modo, poderemos colaborar eficientemente com a Comissão de Abastecimento local e melhor servir ao povo no nosso Estado, orientando-o convenientemente sobre os preços legais.

O AUMENTO DAS QUOTAS A SÃO PAULO

Feitas essas declarações, os representantes da imprensa presentes à conferência passaram a abordar o sr. Luiz Dubeux Júnior a propósito do aumento de quotas de produção concedida a São Paulo e que tem sido o assunto predominante nestes últimos dias.

vação nas quotas na justa medida do consumo nacional, porém nunca liberdade de produção.

AS PRETENSÕES PAULISTAS

3 - As pretensões do Estado de São Paulo, através do seu governo, e de manifestações dos seus produtores de açúcar, estão fixadas hoje na obtenção de uma quota de 5.000.000 de sacos de açúcar e na liberdade de distribuição do aumento verificado pelos atuais produtores ou na criação de novas usinas.

4 - A quota de São Paulo, no regime de limitação vigente, é de 3.100.000 sacos, representando o dobro de produção alcançada quando se instituiu, em 1932, a política de defesa da produção.

5 - A limitação inicial de São Paulo teve o acréscimo de 500.000 sacos em comparação de sua média no quinquênio básico de 1929/1933.

6 - Em referência à sua limitação inicial, o Estado de São Paulo teve nos anos de 1934 a 1935, majoração de quota no total de 1.034.000 sacos, ou sejam 1.506.000 sacos sobre a média da produção quinquenal de 1929/1933.

7 - A pretensão de uma quota de 5.000.000 de sacos para São Paulo, sem considerar o problema açucareiro do ponto de vista nacional, significa a que



O sr. Gil Metódio Maranhão lê o seu relatório

próximo, desde que dilate o seu contingente de produção, na esperança de realizar exportações para o exterior, quando excederem as suas safras o nível do consumo interno.

10 - O nordeste representa para a economia paulista uma grande mercado para a sua produção industrializada, com saldos consideráveis na balança comercial, favoráveis a São Paulo, de mais de 600.000.000 de cruzeiros anuais. A redução de poder aquisitivo daquela região, desde que se lhe retire o mercado de colocação com as concessões pretendidas por São Paulo, afetará essa vantagem da economia de São Paulo, desarticulando o intercâmbio estadual, além de levar à ruína regiões altamente populosas, em

da ausência de um preço remunerador e em face dos graves problemas dos transportes, fator de lucro para os produtores do Sul, ajudados nos próprios mercados consumidores.

Além disso, aquela liberdade de produção, concedida pelo Instituto, para as usinas existentes, foi entendida com maior amplitude, em São Paulo dando lugar à montagem de várias usinas novas, não limitadas a sua produção, que, em 1949, se apresentará como novo contingente de agravamento com a redução da capacidade aquisitiva dos mercados do sul para os produtos nordestinos e fluminenses.

A liberdade de produção, com esta amplitude, só foi utilizada por São Paulo. E o será mais ainda pela facilidade de arrematamento, naquele Estado, de capitais para a formação de novas fábricas, em face da incapacidade administrativa do Instituto para a contenção de tais interesses que se avolumam, apoiados na contingência atual de transitória escassez do produto, e na força política colocada a serviço da expansão açucareira do grande Estado bandeirante.

UMA PROVIDÊNCIA QUE SE IMPÕE

13 - Uma providência se impõe, para salvaguardar o futuro econômico do nordeste: o estancamento do ideal expansionista, em detrimento do interesse nacional, com a repressão das medidas adotadas por São Paulo e que implicaram na amplitude de interpretação da liberdade concedida pelo Instituto, a qual, de modo algum, autorizava a montagem de novas fábricas, nem a dilatação desmedida das existentes.

14 - O aumento do consumo autoriza a elevação das quotas, dentro de um critério nacional definitivo de evolução das quotas de produção. Partindo o interesse nacional, de igualdade de direitos em função das possibilidades regionais, deve ser traçado o plano nacional do contingente da produção, na medida justa das possibilidades do consumo interno, para chegar aos limites regionais, o que porém deseja o interesse paulista é que se fixe o "quantum" sugerido pelo seu interesse de produzir, para fazer gravitar em torno dessa vontade de um Estado os interesses tão legítimos das demais unidades.

Além de antipatriótico, pelas consequências desagregadoras da economia nacional, é anti-social esse processo expansionista de dar a São Paulo o que o grande Estado central pede, para reservar aos demais a triste condição de aceitar, acidentalmente, fórmulas de acomodação à vontade dos interessados no expansionismo paulista, sempre aviltante para o resto do Brasil.

15 - O que mais impressiona é a ausência de um objeti-

vo imediato, para a melhoria do abastecimento das populações, com o açúcar que as maiores quotas poderiam proporcionar.

Não seria com a simples conversão de quotas de açúcar que se haveria de fazer surgir da terra canavieira novos que se transformassem em açúcar, no imediato uso proclamado. O que São Paulo agora obtivesse de majoração no seu limite, somente daqui a 3 ou 4 anos seria realizado em açúcar, pela imposição do ciclo vegetativo da matéria prima, cana de açúcar. Daí a descrença de uma verdadeira e sincera intenção de melhorar as condições de abastecimento que vem da apreensão objetiva das pretensões dos capitais de São Paulo.

UM IMPERATIVO DO MOMENTO

16 - Cuidar de um plano nacional de limitação, é um imperativo do momento, em que todos os interesses sejam pesados, dentro do interesse geral resultante das regras adotadas às possibilidades regionais da produção e de consumo.

17 - Convém notar que as vantagens da economia açucareira do Nordeste são oriundas de contingências geográficas irremovíveis, representadas pelas distâncias dos maiores mercados de consumo e consequentemente pelos onus dos transportes. Entretanto, a falta de capital é um dos principais fatores do nosso empobrecimento, uma vez que só existem créditos baratos e capitais abundantes em São Paulo, onde, além do mais, o industrial de açúcar vende sempre um saco do seu produto com uma diferença de doze cruzeiros por mais em relação aos preços obtidos pelo industrial nordestino.

Com os aumentos de quotas de produção para São Paulo, sem aumentos proporcionais para o Nordeste, o desequilíbrio financeiro entre as duas regiões se tornará mais profundo, uma vez que a elevação do potencial de produção paulista traz uma correspondente baixa na produção do Nordeste, provocando maior afluxo de crédito industrial e de dinheiro para a região favorecida.

18 - De-novo o governo, para o açúcar de norte, a partir da zona açucareira fluminense, resultados iguais aos obtidos em São Paulo, como também ereditário agrícola e industrial necessário ao reequipamento das fábricas existentes e melhoria das culturas agrícolas, e provaremos que esta região, tão rudemente até hoje tratada pelos poderes públicos, dará a demonstração de que o braço trabalhador do nordestino, que desbrava a terra e faz a riqueza de São Paulo, também fará a nossa riqueza se as condições econômicas nos permitirem fixá-lo na terra.



O sr. Luiz Dubeux falando à reportagem

O presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco passou, então, às mãos dos repórteres, uma cópia da fórmula pela qual os representantes dos Estados açucareiros do nordeste se pronunciaram sobre as questões da política nacional do açúcar, junto às supremas autoridades da República:

"1 - Os Estados do Brasil não possuem economias autônomas. Vivem e só podem progredir num campo de intercâmbio de produtos agrícolas e industriais, peculiares a cada região. Essa verdade não permitirá jamais a existência de economias estancadas, dentro do país, sob pena de quebra do regime federativo. Nenhum Estado portante poderá nem deverá produzir o suficiente para as suas necessidades, a fim de que não se elimine o intercâmbio estadual.

2 - Não há dúvida de que uma nova política deve ser instituída no sentido de salvaguardar o direcionamento da economia açucareira. Uma renovação no conceito da limitação é imprescindível, e os Estados importadores de açúcar e ao mesmo tempo produtores devem ser contemplados nos aumentos de novas quotas. Assim, São Paulo tem direito a pleitear uma ele-

ção do princípio de limitação, base da segurança indispensável à manutenção da indústria nas lavouras tradicionais.

8 - O precedente que se abraça, concedendo-se quotas para um Estado, partindo de um quantum arbitrário, seria seguido pelos demais Estados consumidores, para tornar, dentro de alguns anos, insustentável a política de defesa, pela superprodução que viria aviltar a economia nordestina, tirando-lhe os mercados internos da sua produção básica.

O QUADRO DA SUPER-PRODUÇÃO

9 - Os mercados externos, ora valorizados pela redução de produção nos grandes centros produtores mundiais, atingidos pela última conjuntura, perderão essa característica dentro de um período de 4 anos, depois que for retomado o ritmo normal das atividades, estabelecendo-se o quadro da superprodução mundial, próprio e peculiar à produção açucareira.

O exemplo das grandes limitações de produção mundial, depois da guerra de 1914/1918, deve estar presente para que não venha o Brasil a ser atingido, irremediavelmente, em futuro

detrimento da unidade nacional.

11 - Já houve um paulista que preconizou, como solução para os problemas da sub-economia do Norte do Brasil, em face do extraordinário progresso dos Estados centrais, o deslocamento das populações nordestinas para o Sul, condenando a região setentrional ao destino dos desertos. A pretensão atual de São Paulo, se porventura pudesse ser atendida, produziria efeito semelhante sobre o Nordeste. Essa região não poderia sobreviver a uma crise de superprodução, cujos efeitos, pela condição de Estados exportadores, lhes fariam duramente, uma vez que os seus maiores mercados de consumo se abasteceriam com produção própria.

A LIBERDADE DE PRODUÇÃO

12 - O Instituto do Açúcar declarou livre a produção açucareira, nas usinas, até 1949, quando será feito um reajustamento das quotas de produção.

As usinas de São Paulo aumentaram e continuam dilatando as suas capacidades, o que não se dá com os produtores dos demais Estados, principalmente os do Nordeste, por força da falta de recursos econômicos e financeiros, resultante

ESTUDOS SOCIAIS no Nordeste Brasileiro

Manuel Diégues Junior

Trabalho escrito, em 1944, para a Revista Mexicana de Sociologia, onde foi publicado no n.º 1, do VII, vol. VII, janeiro-abril de 1945, e agora divulgado em português.

berto Freyre: ensaios hoje da maior importância histórica, para não dizer apenas cultural, pelo menos dois deles, que se constituem a raiz de onde brotou depois Casa Grande & Senzala.

De Gilberto Freyre, aliás, era a cabeça criadora daquele livro; livro que tornou uma festa permanente para o espírito de 1925 e de hoje ainda, o centenário do velho órgão pernambucano, e não apenas uma festividade transitória de discursos melifluos, de missa em ação de graças, de champagne e guaraná servidos às autoridades e pessoas gradas que visitaram o jornal.

Juntamente com o "Livro do Centenário", deve ser destacado o 1.º Congresso Brasileiro de Regionalismo, promovido por Gilberto Freyre em 1925, no Recife: o primeiro dessa natureza no continente americano e que tornou evidente a orientação não só sociológica como filosófica do seu organizador de conciliar o regional com o universal. A importância do mesmo congresso para a história do

pensamento sociológico nas Américas foi destacado, recentemente, no último Congresso Inter-Americano de Filosofia reunido nos Estados Unidos.

Se o "Livro do Nordeste" e o Congresso de Regionalismo podemos considerar fundamentais no interesse — senão no começo mesmo, repetimos — pelos estudos sociais no Nordeste, sob nova e larga orientação filosófica e sociológica, não estaremos longe de assinalar outro marco na publicação de Casa Grande & Senzala. Aí um marco já não apenas regional, do Nordeste em particular; mas, um marco nacional, de todo o país.

De Casa Grande & Senzala já se falou suficientemente para analisar essa obra como ponto de referência nos estudos sociais no Brasil; ponto de referência tanto mais valioso quanto nas suas páginas descobriram-se muitos assuntos e problemas inteiramente ignorados e outros que andavam esquecidos, guardados quase virginalmente em velhos MSS: teses de doutoramento, relatórios de chefes de serviços, livros antigos, cadernos de receitas culinárias, documentos pouco referidos, quando não inéditos de todo. Delas brotaram também, aguçando a curiosidade dos ho-

mens de estudos no Brasil, problemas e temas, alguns regionais, outros nacionais, e alguns de interesse continental e americano — como o confronto sociológico do sistema escravocrata do Brasil com o das Antilhas e do Sul dos Estados Unidos — que bem mereciam maior interesse. Maior cuidado e investigação em face da sua importância, não só regional e brasileira, mas largamente humana, como ainda maior desenvolvimento das pesquisas para que acenava Gilberto Freyre, como complementares às realizadas ou indicadas por ele, em páginas de sugestões e idéias, ainda hoje dez anos depois, vivas e palpitantes. Tão vivas e tão palpitantes que reclamam um tratamento sério por parte de quantos se dedicam aos estudos sociais no Brasil a fim de tornar os problemas e temas por elas revelados assuntos dos nossos dias. Assuntos muitos deles que, como peixe, não, podem ser deixados para outro dia pelo perigo de apodrecer.

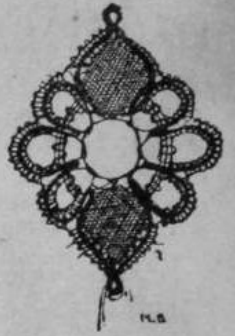
De modo que, assinalando em bibliotecas antigas e pouco conhecido dos estudiosos de hoje, constitui, porém, subsídios valiosos para os estudos atuais, de tanto maior interesse quanto encontramos sugestões e problemas que ainda agora estão em suspenso, reclamando melhor pesquisa e mais cuidado na sua interpretação ou apenas no seu contacto.

Estes trabalhos, muito deles fixando-se geograficamente em torno de uma região ou de uma área, não reclamam apenas leitura; podem também sejam divulgados pelo valor que representam para os estudos de problemas e assuntos de natureza social ou econômica ou política, alguns ligados a aspectos regionais. E se hoje mais forte interesse assumem os estudos regionais, pesquisas ou investigações que se prendem a uma região ou a uma área geográfica ou cultural mais particularizada, para estes estudos o material antigo, disperso e pouco conhecido, constitui fonte importantíssima a qual não podemos deixar de recorrer.

Os estudos regionais, a que hoje se entrega o Brasil, e em particular o Nordeste, através de ensaios, pesquisas ou investigações de vasto interesse, encontraram na realização do 1.º Congresso Afro-Brasileiro, de 1934, no Recife, um apoio substancial e um ambiente oportuno para seu desenvolvimento. É certo que tendo como tema principal o negro e sua vida no Brasil, através das sobrevivências culturais que nos deixou, nem por isso os trabalhos feitos perderam o caráter de pesquisa regional. Tal o estudo do sr. Ademir Vidal sobre o negro na Paraíba ou o do saudoso historiador Alfredo Brandão sobre o negro em Alagoas; tal ainda a contribuição notável de Ulisses Pernambucano e seus discípulos sobre doenças mentais nos negros em Pernambuco ou a interessante colaboração de Jovino da Raiz sobre diferença de vida nas usinas e nos engenhos.

Do 1.º Congresso Afro-Brasileiro ficaram orientações, estímulos e incentivos para estudos de valor, que, indo além do problema "negro", poderiam, como podem, penetrar em outros aspectos culturais do Nordeste. Da arte, por exemplo, não apenas da arte da pintura ou da música, mas também da arte doméstica — preparo de quitutes ou trabalhos de renda, filé ou labirinto ou trabalhos de cerâmica — muito aspecto curioso e interessante merece ser pesquisado, antes — e isto é o principal — antes que se perca pelo desaparecimento dos seus melhores cultores: dos velhos rendeiras de almofada, das

boas quituteiras que têm na cabeça receitas de doces, bolos, cremes e comidas, dos manuseadores de barro. Como também da arte popular ou folclórica: da música e da letra de côco, quilombos, choganças, congos, guerreiros, que ameaçam desaparecer diante da invasão do rádio com seus sambas, marchas e foxes modernas.



Ilustração

II

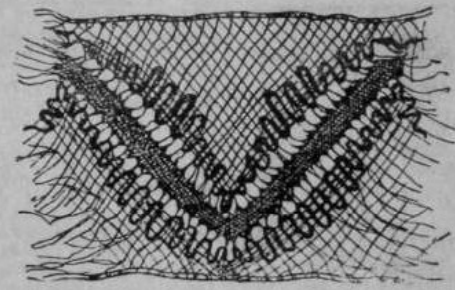
Tanto a arte da renda como a cerâmica merecem ser cultivadas; merecem um culto devotado não somente dos estudiosos de assuntos sociais, como igualmente das administrações regionais. É que elas têm a sua importância econômica que completa a social; nelas apresenta o meio de vida de muita gente. Além de que é um meio de atrair dinheiro pela valorização de uma arte tipicamente nordestina.

Do Ceará como de Alagoas, e também da Paraíba, do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, embora em menor extensão, as rendas têm uma grande procura que não é apenas interesse turístico — e esse é bem pronunciado — porque é também interesse artístico. São famosas as rendas do Ceará; rendas de mais delicadeza, mais finas, vamos dizer mesmo ariscráticas. Mais populares, mais humanas, são as de Alagoas, principalmente as que se fabricam nas margens das lagoas e dos canais: em Santa Rita, no Pontal da Barra, em Marechal Deodoro, em Taperaguá, em Massagueira, em Coqueiro Sêco. As rendas de Coqueiro Sêco! Do Rio, de São Paulo, de Pernambuco, de todo canto chegavam encomendas de rendas de Coqueiro Sêco. E ainda hoje chegam.

As rendas, porém, estão em decadência, decadência de que é preciso salvá-las. Já não há mais hoje aquela procura de antes; e as velhas rendeiras, de mãos hábeis e macias, de sensibilidade apurada, vão desaparecendo, sem deixar sucessoras dignas de sua habilidade em fazer uma traça, uma estrada de ferro, um percevejo, contornos em carreira. Nem aparecem mais, com o prestígio de outrora, nos vestidos, nas combinações, nas camisas de dormir.

De rendas se faziam vestidos, camisas de dormir, enfeites de toda sorte; também de rendas eram os roquetes e as alvas dos sacerdotes. Rendas estreitas eram usadas em camisas de crianças ou de mulher; rendas largas em vestidos, em roquetes, em babados. Era o esplendor da arte popular: a arte da renda de almofada. Rendas feitas com um carinho em que a rendeira transmitia não apenas a habilidade dos seus dedos, mas o próprio entusiasmo de sua alma.

Era a moda da renda, moda que depois passou, deixando entrar em decadência uma arte tão sensivelmente nossa, onde havia, no trabalho da rendeira, um bocado de si própria, um pedaço de sua alegria, um mundo de vaidade. Foram escasseando os trabalhos de renda; e as gerações novas se esqueceram de aperfeiçoar seus dedos numa arte que fazia o orgulho dos seus pais e dos seus avós.



Estrada de Ferro

De Casa Grande & Senzala já se falou suficientemente para analisar essa obra como ponto de referência nos estudos sociais no Brasil; ponto de referência tanto mais valioso quanto nas suas páginas descobriram-se muitos assuntos e problemas inteiramente ignorados e outros que andavam esquecidos, guardados quase virginalmente em velhos MSS: teses de doutoramento, relatórios de chefes de serviços, livros antigos, cadernos de receitas culinárias, documentos pouco referidos, quando não inéditos de todo. Delas brotaram também, aguçando a curiosidade dos ho-

De Casa Grande & Senzala já se falou suficientemente para analisar essa obra como ponto de referência nos estudos sociais no Brasil; ponto de referência tanto mais valioso quanto nas suas páginas descobriram-se muitos assuntos e problemas inteiramente ignorados e outros que andavam esquecidos, guardados quase virginalmente em velhos MSS: teses de doutoramento, relatórios de chefes de serviços, livros antigos, cadernos de receitas culinárias, documentos pouco referidos, quando não inéditos de todo. Delas brotaram também, aguçando a curiosidade dos ho-

De Casa Grande & Senzala já se falou suficientemente para analisar essa obra como ponto de referência nos estudos sociais no Brasil; ponto de referência tanto mais valioso quanto nas suas páginas descobriram-se muitos assuntos e problemas inteiramente ignorados e outros que andavam esquecidos, guardados quase virginalmente em velhos MSS: teses de doutoramento, relatórios de chefes de serviços, livros antigos, cadernos de receitas culinárias, documentos pouco referidos, quando não inéditos de todo. Delas brotaram também, aguçando a curiosidade dos ho-

De Casa Grande & Senzala já se falou suficientemente para analisar essa obra como ponto de referência nos estudos sociais no Brasil; ponto de referência tanto mais valioso quanto nas suas páginas descobriram-se muitos assuntos e problemas inteiramente ignorados e outros que andavam esquecidos, guardados quase virginalmente em velhos MSS: teses de doutoramento, relatórios de chefes de serviços, livros antigos, cadernos de receitas culinárias, documentos pouco referidos, quando não inéditos de todo. Delas brotaram também, aguçando a curiosidade dos ho-

De Casa Grande & Senzala já se falou suficientemente para analisar essa obra como ponto de referência nos estudos sociais no Brasil; ponto de referência tanto mais valioso quanto nas suas páginas descobriram-se muitos assuntos e problemas inteiramente ignorados e outros que andavam esquecidos, guardados quase virginalmente em velhos MSS: teses de doutoramento, relatórios de chefes de serviços, livros antigos, cadernos de receitas culinárias, documentos pouco referidos, quando não inéditos de todo. Delas brotaram também, aguçando a curiosidade dos ho-

De Casa Grande & Senzala já se falou suficientemente para analisar essa obra como ponto de referência nos estudos sociais no Brasil; ponto de referência tanto mais valioso quanto nas suas páginas descobriram-se muitos assuntos e problemas inteiramente ignorados e outros que andavam esquecidos, guardados quase virginalmente em velhos MSS: teses de doutoramento, relatórios de chefes de serviços, livros antigos, cadernos de receitas culinárias, documentos pouco referidos, quando não inéditos de todo. Delas brotaram também, aguçando a curiosidade dos ho-

De Casa Grande & Senzala já se falou suficientemente para analisar essa obra como ponto de referência nos estudos sociais no Brasil; ponto de referência tanto mais valioso quanto nas suas páginas descobriram-se muitos assuntos e problemas inteiramente ignorados e outros que andavam esquecidos, guardados quase virginalmente em velhos MSS: teses de doutoramento, relatórios de chefes de serviços, livros antigos, cadernos de receitas culinárias, documentos pouco referidos, quando não inéditos de todo. Delas brotaram também, aguçando a curiosidade dos ho-

Daí encontrarmos hoje uma espécie de decadência na arte da renda. Decadência menos no número de rendeiras ou no volume de trabalho do que mesmo no bem acabado e procura das rendas.

A moda hoje voltou-se para os trabalhos de labirinto e de filé. De labirinto e de filé são os trabalhos mais artisticamente feitos, que encontramos agora. Os preços são melhores, e a procura é grande; há compradores, os intermediários, que encomendam e adquirem trabalhos de labirinto e de filé para os fregueses do Rio, de São Paulo, de outros Estados: principalmente do Rio e de São Paulo.

Em matéria de arte popular há outra que merece destacada e que reclama não apenas um cultivo carinhoso, mas um estudo sério: a da cerâmica. A dos trabalhos de barro: moringas, potes, panelas, alguidares, e também de brinquedos que constituem material etnográfico interessantíssimo: piões, revólveres, animais, figuras de bandido, soldado montado a cavalo, camas, cadeirinhas, pesca em canoa, vapor, ladrão de boi, e galinha com os pintinhos, e tanta coisa mais que a imaginação do oleiro cria e realiza.

É uma arte pela qual ainda há grande interesse — interesse, sobretudo, pelo seu valor econômico de material para cozinha — no Nordeste, e em particular em Alagoas, onde há uma região, a de Penedo, que apresenta vasto campo de observação a respeito. É de notar, também, que aí em Penedo a arte de trabalhos de barro se adiantou a ponto de se fazerem no velho burgo sanfranciscano bustos de Deodoro, Floriano, Benjamin Constant, Santos Dumont, Tamandaré, Camões, que ainda hoje enfeitam o teto de velhos sobrados, concorrendo com as pinhas portuguesas ou as estatuetas de Lisboa encontradas em outros sobrados antigos; bons sobrados de azulejo.

No velho Penedo do Rio de São Francisco, ao lado da bela fachada da igreja de São Gonçalo Garcia, e dos azulejos da igreja da Corrente, do convento suavemente silencioso dos franciscanos e de velhas casas de biqueira colonial, a arte da cerâmica se levantou em trabalhos de maior vulto realizados pelos próprios filhos da terra. E ao mesmo tempo que se importavam pinhas, ou jarras, ou estatuetas trabalhadas no Pôrto ou em Lisboa para enfeitar as casas dos homens ricos da terra, os pobres ornamentavam suas casas com estatuetas e bustos fabricados com barro do Carrapicho; barro que está resistindo ao tempo, enfrentando a iconoclastia de destruições modernas; barro que reflete as-



O Terrível Polímônio Do Nordeste

Alberto Rangel

O trabalho que abaixo se vê foi o último escrito pelo saudoso historiador e polígrafo Alberto Rangel, falecido em dezembro último. Escreveu-o o autor do "Inferno Verde," para prefaciar o romance de um estrangeiro, "Pedra de Fogo," de Rodrigues de Carvalho, a aparecer brevemente.

HA alguma coisa nestas páginas que as trespassem. A uma quadrilha de assuntos de novelística policial, juntam-se dados, distinguem-se situações, apontam-se autores, estabelecem-se índices, interando-os numa tremenda exposição de lances reais, tentada, de novo, como para mais assombrar-nos diante do conhecido e velho caso-Nordeste.

Pela primeira vez em nossa história literária aparece sobre tais acontecimentos um depoimento despojado de certas galas de forma, mas totalmente lardeado de fatos, reproduzidos com surpreendente fluência e realismo. Do corpo de delito sai bem comprometido o Brasil, arrojado de ordem e progresso, fornecedor de aparelhos de segurança de bens e de vida, incapazes contudo de ditar e instituir a Justiça em tão largo trato do país.

Narrativas deste gênero, mas delineadas por ouvir dizer, pejam-se das informações com que, ora um, ora outro, mais ou menos qualificados, têm tentado reconstituir o rosário dos abusos, de miséria e sanguinarismo, agitados no poço das paixões locais, armados no vasto teatro geográfico entre os rios Parnaíba e São Francisco. Mesmo os escritores, dados por mais independentes e verídicos, não têm feito outra coisa de maior valor senão reproduzir o que lhes foi indicado ou confiado. Não escudo de passar ao pé da porta da botica nas colunas dos flagelados da seca.

"Pedra de Fogo" exprime o velho problema da segurança do Nordeste, não com elementos propriamente novos, mas com a sua exposição, por assim dizer estereoscópica, tornados mais atraentes e demonstrativos pela naturalidade com que estão dispostos, pela seriação dinâmica de suas origens primeiras e pelas relações interdependentes de sua fatal sucessão.

Com o presente volume é o próprio sertanejo que, sobejado da péssima atmosfera em que se criou, não convida ninguém para partilhar das mágoas e ofensas do seu povo, mas salta de mesmo das veredas dos seus catingais para referir o que viu e conheceu entre os mandacaris e xique-xiques que o cercavam, espinhando-lhe a alma.

"Pedra de Fogo" não evoca nem desenha o Nordeste, colhido em reportagens arranjadas, nas calçadas das capitais; não o desvenda pela noticiária de assuntos do dia, caçadores de pou do dia, mesmo o honesto Rodolfo Teófilo, inserido entre os seus vocais farmacêuticos, veneráveis cotidianos, servidos no prato das tragédias do sertão. Aqui nestas laudas, mais que o abandono, a garrucha, a fome e o latrocinio, denuncia-se um poder excessivo, concluído, forrado de suas boas palavras, como sendo a causa inesistente e virtual em que o crime regra as suas consequências de contínuo e reação, tornando inabitável, menos pelo clima que pelo homem, tão vasta, luminosa e necessitada região do Brasil.

Nestas linhas diretas, tendidas num arco de projecção surpreendente de exactidão, repercute o eco do brado das vítimas do governo, clamando assistência, exigindo tranquilidade e respeito aos seus direitos e esperanças. Por baixo do drama de certas inclinações individuais mais incoercíveis e desfavoráveis à prática dos sentimentos humanos, subsiste a provocação permanente dos agentes oficiais, lá delegados para reparar os erros, endireitar os transviados, socorrer os perseguidos, eliminar os iníquos e atender aos reclamantes, mas que não fazem outra coisa senão autorizar os demandados, cercar o bem-estar e ceapar o abuso de seus correligionários e sequazes. Traçando de novo a terrível uma enfiada de histórias de banditismo, desenroladas saborosamente do seu carrel de trépidas revelações, Rodrigues de Carvalho não se limita a estigmatizar, apura, deduz, explica e demonstra implicitamente suas origens e razões. Vai aos atos, pulsos com denodado propósito para bem fixá-los; ausculta-lhes a ressonância, observa a proleidade e

calcula o peso de suas determinantes. Não os toma como frias contas dum abaco ou incontrastáveis e definitivos diplomas do feito irruptivo. Ele os filia, isto é, serve-se do método positivo, mais próprio e familiar a todos os grandes analistas e investigadores históricos. Não aprendeu isto, não leu em Augusto Comte; mas o certo é que emprega esse recurso filosófico com a mais atilada e natural perspicácia. Considera o crime, trazendo todos os porquês legítimos da sua atenuação. Afinal de contas, matar o homem é também um direito expresso, consagrado nos melhores códigos do mundo. Quando Euclides da Cunha saiu branco de casa, e armado, em busca da mulher adúltera e seu amásio de galão, corouva o coração desfeito no mais imperioso e honroso dos ditames.

O autor de "Pedra de Fogo" sacou de baixo do seu peitoral de couro de catetê, as notas que apanhou dia-a-dia, correndo da crânice à varonia, às feiras e carraças dos sertões, no desempenho da sua profissão de almocreve e de vaqueiro, assistindo a desafios, baillados e missões religiosas, vivendo ao sol dessas ribeiras de Deus nos acuda, por onde anda o Brasil deformado e esquecido de si mesmo.

Rodrigues de Carvalho é obeso de referências objetivas narrando o que sabe; é a data,

plantando o roçado. Os saltadores, tateando a solidão para fugirem ou avançarem, vão desenhando nos enredos da pugna as paredes do rancho, o tronco da gameleira, a cerca de pau-pique. Assinalam-se o meio físico, as tentativas do frustrado, o pássaro fugitivo, o arremesso do atacante, o projeto do frauduloso. Acidenta-se o horizonte com a vitória ou inutilidade das tramóias do cangaceiro. Arrastado no chão refeco e maldoso, vai desenhando o contorno da igeira; as suas alpercatas plantam o relevo em que se adivinham; xiatos e corças-de-frade, algum coqueiro velho, o terreiro da casa-grande, a tossa de mofumbo, o galho de imbuzeiro distinguem-se no cenário onde o criminoso tocaia e espera sentenciar, na jurisprudência do olho por olho e dente por dente, aquele que lhe ultrajou a honra, matou-lhe o filho, invadiu-lhe a gleba, cuspiu-lhe nas barbas ou roubou-me o cabrito...

Tudo serve como baluarte ao que intenta obter justiça por suas próprias mãos. Ao autor importa o crime para não demorar-se demasiadamente na fotografia e seus bastidores. Só uma vez se estende, procurando enfuscar o painel da fenomenalidade da seca. Os caminhos e obstáculos induzem-se indicados na marcha de elétricos zig-zags dos jagunços, procurando na rede vascular de que se desperta, o escurrço da escapula sinuosa ou a marcha fir-



Um quadro sugestivo do pintor pernambucano Eliezer Xavier ::—

o lugar, a hora, o nome do cabra, a distância, a qualidade da arma, o número dos indivíduos, a conta dos cartuchos... No fundo, porém, dos informes e pareceres, tudo o que é pitoresco como paisagem quase que se afigura apenas idealmente na barra em que se orientam e degradam os planos dos acontecimentos; cifra-se a raras indicações nominativas de certos acidentes locais: a baixa, a casimba, a terra, o moçoquê. A bem dizer, a topologia de "Pedra de Fogo" só merece, aqui e acolá, alguns traços de sua mais particular indicação, talvez por não lhe serem suficientes as cores da paibeta, mas, apesar disso, não oilha para as estrelas, nem desenfroilha o rosicler da aurora. O artista só seria fornecedor do que rigorosamente lhe fosse dado aproveitar.

Contudo, o ar que se respira nestes ofegos de luta é teimos de resistência, na garupa desses estupendos sucessos, é, sem dúvida, o da terra em que se conflitam. Não se refere o autor, com efeito, aos rugidos da onça no cio, bramando nos pedregais da serra para crescer as cenizas de ecos aterrozizantes. Basta-lhe que tudo seja crivado de tiros de bacamarte. Não minuta os aspectos risinhos ou funéneos da vegetação rodante. Se se refere à pedra das peiticas, não considera senão raramente pássaros que cantam rumores de farinhas alegres. Se alude à alguma violada, só o cacete ronca e a face de "arrasto" prevalece...

O médo, audácia, a esprezeta e a malícia, dominando os grupos de assaltados e assaltantes, proporcionam o que é preciso para tudo supor, compoem a mata ou a catinga, construindo a moenda, vistumbrando a tapera e

me para a frente de combate. O relevo do terreno exprime a intermitência dos seus aparcimentos, de convivência com o aplo do coiteiro e a ineficiência do destacamento policial.

Quando o autor se faz mais filosófico e literário, nada tem em verdade de muito surpreendente, porém é constantemente delicioso quando tenta em narrar, com a graça corredia e inata dos bons contadores, versejadores ou não, ao aproveitarem o luar no terreiro em a sombra da oitica, quando o sol está tinguindo... Essa é a característica da escrita de Rodrigues de Carvalho que torna "Pedra de Fogo" arrasante, compreensivo, cheiroso do mel fabricado quando as areolras florescem, embora sobressaltado das sombras sinistras, evocadas entre os estampidos dos clovnotes. E' que, por baixo de tudo isso, um sentimento de revolta rola suas ondas amargas, espraiadas pelas tendas abertas no decorrer de tão negregadas histórias...

De meios artificialmente literários usa bem pouco o autor, o que lhe ajuda e recomenda o meio ingênuo e correto. Nada mais arriscado e embaraçante que tudo quanto se acha à disposição dum escritor no carregamento de culismo ao seu alcance. Com isso quanto poderá encrespar, decompor ou reter a imediata impressão de sua naturalidade e verossimilhança!

Rodrigues de Carvalho toma da sua trouxa de episódios de memorizado e os vai soltando na seroad de seus desenfios. As suas virtudes de escritor espontâneo e feliz dispensaram a bagagem do erudito ou acadêmico para que não se lhe adulterasse a forma com os

adornos duma cultura dependurada para inglês ver. O que lhe sai da pena realista, favorecida na prenda do seu bom emprego, é puro de qualquer arrebigue, como de qualquer intenção menta honesta. Não qualifica de herói o quadrilheiro, embora o encare com pama e certo respeito, na mais das vezes procurando resgatar-lhe a crueldade com os motivos justificadores da culpa adstrita às condições impositivas da sugestão, da ambiência, do tremendo resultado do isolamento de populações maisnadas na continuação do deserto e no alucinante trabalho dos atritos dominantes.

A meio tão extranormal cabe a responsabilidade de todos os desvios morais e alterações psicológicas, corridos no infortúnio do nordeste e classificados no título deste prembulo em que são analisados a maneira de parcelas cónicas na cadeia de uma fórmula algébrica. A falta elementar de justiça pública, invés da balança e do gládio clássicos, irrompe frequentemente nesses erros, sacando do rifle do policial invogado nas manobras de sua esquerda em frente.

Irritada a ignorância, agravada a penúria, ignominioso o brio do homem pelos pretendidos órgãos (e seu amparo e direção, a terra torna-se pandemônio, esse com que "Pedra de Fogo," entre algumas narrações de ao pé do fogo, celebrando a verdade, nos sacode a inervação embotada.

Rodrigues de Carvalho, descobrindo o seu panorama de horrores, levanta ao mesmo tempo o broquel de defesa de seus conterráneos, vítimas da paicose e da criminalidade, estacada nos exageros de certas noções criadas e desenvolvidas nos conflitos de aldeia, em que tantas vezes se legitimam. Nesse intuito, o autor estuda e descreve o sucesso com o rigor das testemunhas autênticas, precisando a lógica dos incidentes, nomeando e numerando os indivíduos, atestando-lhes a audácia, descobrindo-lhes a estratégia, verificando a inamidade de animais infectados da ratva, da injustiça e do micróbio da vingança e florescidos em meio de tantas gerações condenadas à insuficiência substancial e corretora da civilização nacional. Esta, ao longo de tantas décadas do regime constitucional e representativo, (encarregado de tornar efetivos seus meios de repressão e castigo) sejou-se na incapacidade voltada à sua reversibilidade e impotência contra uma população sedenta de garantia à propriedade que lhe era negada, por onde se pode verificar que, às autoridades alimentadas no ódio e na perseguição de seus concidadãos cabe o desrespeito aos princípios sagrados que deveriam representar. E assim, equiparadas ao que vexam, nadam nas mesmas águas que se propunham reter...

Do horror à confusão hedionda com que o repressor é o primeiro a se fazer delinqüente, surge "Pedra de Fogo" na voz mensagem sincera e amargurada, na voz corrente que estala de si mesmo, clamando remédios à selvageria dessa conjunção de juizes e de réus, invertidos para se completarem de forma depravável!

Ofercido fica assim a todos nós o espetáculo de lutas sobrehumanas no quadro de um banditismo arquitetado em cenas de cinema americano, mais filiada a causas que, facilmente reparadas pela educação e pela cartilha do A B C, dariam equilíbrio à mentalidade do sertão, concertando-lhe o exagéro dos sentimentos absolutos, no sustento da existência pacífica de plantadores e boieiros. E' o processo de um crime social, cujo relator ora se experimenta nos seus primeiros debuxos, desprezando figuras de retórica, evitando o emprego de palavras mesais como aquela em que última mente se afirmava "O nordeste que se orgulha dos seus próprios sofrimentos" o que torna os entrecos desses dramas de "Pedra de Fogo" alguma coisa de profundamente tréptica consistente e pungente.

Em verdade muito se tem escrito e discursado sobre o nordeste. Nenhuma palavra, entretanto, impressionará mais que a ditada neste livro, impregnado de tudo quanto entrega o sertão aos horrores dos títulos miserandos, onde, a pretendida lei aparece para destruir, desvariar ou desaljar das consciências invadidas de retificações, do revide e da aliciação ao mal, despoiladas dos imperativos da moral pública, que a própria gente do governo é a primeira a rejeitar.

E' natural que, tomando conhecimento deste recado do sertão ao litoral, enviado por um dos seus filhos mais resignados e obscuros (capo por um fio às deletérias influências do meio, às sublevarções do instinto e aos desvios da sensibilidade) se deseje saber quem o assinou e de onde surgiu o narrador. Nascido a 25 de novembro de 1905 em Carnaíba, município de Flores, na Ribeira do Pajeú, em Pernambuco, é Rodrigues de Carvalho, atualmente, um simples amanuense diarista do Ministério da Aeronáutica. Data de 1928 a sua alfabetização, quando uma professora primária de Recife, estendendo-lhe a mão, o levou as últimas lições do silabário. Era de cor, mas meritória pre-

Visões de Ouro Preto

Eustáquio Duarte

VENERÁVEL e senhorial a fisionomia de Vila Rica há três séculos plantada neste tópo de mil e trezentos metros de elevação, para cenário de uma grande tragédia histórica. Aqui de cima, a vista abarca uma extensão larga da famosa cordilheira que chega a fundir-se ao longe com o céu azul e branco, num formidável contórno de gigantescas dunas.



Uma vista de Ouro Preto

Alargando-se em ondulações ao mais extremo horizonte, os sulcos de cadeias paralelas lembram um mar agitado de vagas cavadas em vales profundos. Cada linha de serra mostra, na sequência dos planos, uma tonalidade menos nítida e a visão deslumbrada vai percorrendo, com as distâncias, uma gama completa de cores afins, desde o verde mais carregado ao cinza mais etéreo.

Sorve-se, nestas alturas, o hálito da terra, e a memória brota sem evidências perturbadoras, impondo re-

colhimento e soledade ao nosso espírito. Uma sensação indizível nos assalta diante do conjunto original e uniforme de Ouro Preto, fundindo-nos com a própria história, na profundidade dos séculos. E neste lugar de tenebrosos dramas, sintese de uma era de iniquidades, o pensamento corre o curso atual e aflitivo do tempo, indagando se teria mesmo havido, entre as di-

versas etapas da nossa evolução, uma época menos desgraçada. Consultamos, então, os paredões limosos destas casas solarengas, ou os imponentes cruzeiros das igrejas e neles encontramos as mesmas queixas dos nossos dias, os mesmos temores, as mesmas desilusões.

Há de fato uma inelutável tendência à supervalorização do passado. E já um intérprete dos fenômenos históricos mostrou que isto se prende a um artifício piedoso do tempo, com a sua

virtude milagrosa de afastar das nossas recordações os fatos abomináveis, afundando-os na inconsciência, para realçar apenas os episódios agradáveis, sempre envolvidos num halo feliz de lenda.

Tal ocorre com esta Ouro Preto, se nos arriscamos a olhar cara-a-cara o seu passado sombrio. Deixemos de parte as coisas que a arquitetura, a arte sacra, a poe-

tria, a exaltação romântica dos historiadores e a própria lenda tornaram grandes ou cobriram de encantos e de tão comoventes atrações. Deixemos Marília. Afastemos por instante a memória do Alejandrinho e passemos a rastrear através de martírios e torturas, de sangue, de dóres ou de lágrimas todo o sofrimento de um povo escravizado e inerme em mãos impiedosas e tiranas.

O ruínas de Vila Rica! Enquanto uma grossa maioria de insensíveis te contempla na incompreensão,

há uma compensadora mirnoria que te sabe medir com o péso dos teus grandes ensinamentos. Quantas lições úteis, quantas reflexões duras sabes oferecer aos espíritos que te consultam! Pois foi em ti, Vila Rica, que um amante solitário da liberdade viu aparecer o seu Génio carregando nas mãos aquela sagrada e simbólica balança que soma as ações dos homens às portas da Eternidade. Elevamos - te por isso acima das vilanias e misérias dos que te criaram e te viveram, e dos crimes tenebrosos de que foste palco. Diante de ti, apesar de tudo, longe do espetáculo aflitivo de um mundo agônico, os nossos espíritos se inclinam para as grandes afeições e não concebem senão idéias sólidas de virtudes e de glórias.

Guardam-se aqui as reservas mais caras da nossa autenticidade. Estas igrejas de naves preciosas, estes chafarizes, estes portões que sozinhos dão a medida do tempo, as casas-grandes que escondem tesouros e cujas galerias possuem muito de severo e nobre em sua repousada simplicidade; esta esplêndida e uniforme arquitetura, enfim, propõe ao visitante, vago transeunte entre dois mundos, já es-



Uma Igreja de Ouro Preto

gotado da horrível promiscuidade e anarquia de gostos das metrópoles, um estilo de vida e um estilo, também, de meditação. Este palácio, por exemplo, agitava outrora um pessoal opulento. Gente ávida de fortuna fácil corria todo o seu espaçoso recinto de quinze salas. Suas grossas paredes refletiam

noutro tempo o eco contínuo de aventureiros enriquecidos na safra do ouro; e de suas vistosas varandas escapavam com frequência gritos alegres de festa. Suas galerias e pátios internos forravam-se de escravos com fardões dourados, bem compostos e atentos às vozes severas dos amos. A esse esplendor setecentista da famosa Casa dos Contos sucede em nossos dias uma fúnebre quietude de mausoleu.

O visitante, absorto diante do seu portal majestoso, ouve de alguém que passa a trágica referência em tom singelo:

— Um homem se matou aí dentro...

O fato ocorrera há muitas dezenas de anos e esse homem chamar-se-ia, para a história, Cláudio Manuel da Costa.

Ouro Preto, março de 1946.



A Casa dos Contos



A PROPÓSITO de um POETA

Maurílio Bruno

ANDAM pelas ruas, viajam nos bondes frequentam os cinemas, sentam-se nas mesas dos cafés, muitos poetas, que vivem entre nós, misturados na massa, sem serem identificados. Ainda não publicaram um livro de versos e por isso não estão incluídos no registro oficial das postas vivas. Exercem profissões comuns e não se distinguem pela indumentária, nem por algum traço peculiar da fisionomia, do olhar, do gesto, dos cabelos, das mãos, da conversa de poeta. Mas nem por isso deixam de ser poetas e poetas que vivem resistindo a tudo o que de anti-poético parece cercá-los e querer vencê-los, sem contudo conseguir levá-los àquela angustiada idéia da morte da poesia, propalada por curiosos profetas das letras, que afinal de contas nada mais propalavam do que a morte deles mesmos, na maioria, poetas e críticos, tendo vivido, até aquele momento, vida exclusivamente artificial, num mundo só de aparências. E aturdidos diante das transformações reais do mundo, com o

desaparecimento das formas mais materiais e exteriores, nos costumes, nos aspectos das ruas, nas inovações sociais, sentiram desmoronar-se a imagem da poesia visualizada por eles, e a falta da verdadeira essência que não possuíam, foram dominados por um irremediável pessimismo. No número desses não estão incluídos os admiráveis poetas modernos, os da geração de Mário de Andrade, Carlos Drummond, Manuel Bandeira, e os da geração nova, dos vinte e cinco e trinta anos, Thomas Seixas, Leão Ivo, Cabral de Melo. Não está incluído nesse número, por exemplo, o poeta Carlos Moreira, bacharel que goza de ótima saúde, tem um aspecto alegre e comunicativo e em nada se parece com o tipo já popularizado e meio ridiculizado do poeta clássico, ensimesmado e pálido. Dá até a impressão de que, com propósito, oculta, o mais que pode, a sua sensibilidade às coisas poéticas, raramente se revelando a amigos, em raríssimas ocasiões. E desse modo que conserva guardado e só acessível a

um círculo muito restrito de pessoas os seus versos colecionados em forma de caderno e que publicados dariam um volume bem regular.

Os versos de Carlos Moreira não só dariam um volume bem regular pelo número de poesias que já escreveu, como também o tornariam conhecido fora do limitado círculo dos amigos que leram os poemas, muito embora não sejam de todo ignorados, aqui em Recife, onde em revistas e jornais, com uma certa raridade, alguns têm sido publicados. Além do que um livro de versos representa uma espécie de biografia espiritual do poeta, fase por fase, sucessivamente, e quanto mais desigual mais significativo se torna, como expressões dos vários momentos da vida em si e dos acontecimentos vividos. Ao passo que uns versos isolados dão a impressão de incompletos, para o total conhecimento de um temperamento, para o conhecimento mesmo do caráter de uma poesia. Não poderia afirmar que Whitman fora um poeta social e político, com o traço do mais acentua-

do humanismo se não conhecessemos os seus livros de versos. Se não fosse assim, poderíamos apenas afirmar que ele escrevera versos sobre esse tema que o consagrou, mas não que o fato fosse capaz de dar uma fisionomia tão própria à sua criação. Há um tema ou alguns temas em poetas mais votados a um polimorfismo de sugestões, que despertam a sensibilidade fora do comum de determinados homens que possuem um princípio poético, um ver e um sentir poéticos definitivos e essenciais, constituindo a natureza mesma do poeta, só descobertos através da leitura das coleções de versos.

Tem sido assim, mostrando a amigos os versos que vem escrevendo, que Carlos Moreira hoje é conhecido apenas desses mesmos amigos, porque os leitores de jornais e revistas, somente leram alguns dos seus poemas, isolados, e não podem formar um juízo completo do quanto existe de sensibilidade e capacidade de realização lírica nesse moço que é bacharel, advogado de sindicatos, e tem o espírito tranquilo e livre de todos os remordimentos, culpas, remorsos ou misticismos complicados, torturantes e obscuros, de que adoece muitas vezes, quando já não são doentes por natureza, homens que não se completaram, como é o caso, na literatura, de Amiel, por exemplo.

A poesia de Carlos Moreira é clara, simples, em ordem direta, os motivos de sua inspiração em geral são as sensações do mundo, os aspectos

Padrão G

José Carlos Cavalcanti Borges



DONA CELINA chegava do grupo de cinco para as cinco e meia. (As aulas terminavam, na certa, às quatro, mas havia coisa muita a fazer depois da campã; os meninos formavam, queriam beber água, cantavam, queriam apertar a mão da professora, uma por uma — até amanhã, dona Celina; até amanhã, dona Celina. Depois se ajeitava, minuto ligeiro que fosse, tomava tempo; a diretora — que morava pegado à escola — tinha recomendação, sempre tolice que não precisava mais repetir nem às novatas). Chegava em casa de cinco para cinco e meia.

reís. Depois ia indo, aumentava as vendas, ficava conhecido como vendedor; todo mundo chegava na repartição querendo falar com Damião... — Não digo a você todo dia, minha filha? Emprêgo só dá prá roer. Comércio é o que é. Amanhã vou cedo atrás do rapaz do Saneamento, fecho o negócio, embolso um conto de réis de lucro, compadre fica satisfeito — mexia-se na espreguiçadeira. — Não digo que seja prá enriquecer. Mas você ficando ati-

vo assim, pode arranjar uma ajuda boa. — Você vai ver se não dá prá muito. Hum, estou lá dentro, minha filha, conheço. E' de eu entrar na situação e desacatar. Comércio hoje é comércio mesmo. Dona Celina se calou; deixou um momento que o silêncio viesse, Damião mais quieto na cadeira. A travessa tinha um lampião na esquina, o outro estava quebrado há tempo. (Conclue na pág 17)

NAQUELE tempo Elisa tinha dezete anos; bem me lembro que na sua festinha de aniversário começou nossa história.

Primeiro, um olhar disfarçado em oferecimento de cerveja, depois me respondeu que dançaria. Enquanto a vitrola funcionava, prometi voltar no dia seguinte. Não acreditei, e não ficou satisfeita porque demorei tão pouco. Mas no outro dia vi seus alvos dentes à mostra, Elisa entusiasmada com a pontualidade, e mais entusiasmada ficou depois, vendendo-me desafiar um forte inverno de semanas inteiras, os pés palmilhando quilômetros todas as noites. Intrigava-me aquele

Foi meu irmão quem trouxe o convite para a festa de aniversário da nova amiga, de Elisa. Fazia três meses que voltara do exílio, três meses sem botar a cabeça de fora. Cansei daquela vida de prisioneiro e de parasita, comendo o que o mano trazia como passarinho doente ou algum aleijado.

Decidi a enfrentar o perigo; para melhor dizer, não acreditava em grande perigo na rua sem movimento de Elisa. Não encontrava justificativa para a volta ao isolamento, não ignorava que mesmo depois do inverno a frequência ia continuar. O mutismo da namorada era compensado pela tagareli-

ficara a me botar uma bodega. Esperei que passasse o inverno para marcar o casamento.

Chegou setembro, pelas ruas, os cachos de flores. Um céu limpo inundava o mundo de beleza, as águas do rio retratando as pequenas nuvens. A noite pertencia às belas estrelas, cheiravam os jasmineiros dos muros, os corações se abriam para o amor. Falei a Elisa que casaríamos em dezembro e confessei o que tanto lhe interessava saber: a minha residência. Deu-me o braço e procuramos outra rua para passear. Aquela era uma das maiores noites de minha vida, perdia inteiramente o medo. Numa praça sentamos um pedaço, olhávamos

Mirtos esperando no portão, antes de abraçar desembuchou o assunto: a catequista, Maria Flora, tinha perguntado se elas faziam mesmo a primeira comunhão em outubro, perguntava porque tinha que decidir, ensaiar.

— Viii, mamãe? — Laís saiu correndo: — Também quero fazer. Vou fazer com Mirtos, mamãe. Deixa, mamãe, deixa? — era toda uma felicidade suspensa nos olhos.

Dona Celina, pisando os degraus e as meninas dos lados. Leoncinho chorou, com a voz reconhecida se espalhando pela casa; estava em pé na cama de grades, chorou até dona Celina carregá-lo.

— Mã-mã-mã-mã — satisfeito agora.

— Deixa mamãe? — E Maria Lúcia? Maria Lúcia foi encontrada no fundo do quintalzinho.

— Sinhã Josefa? — Porque a menina estava só se coçando, vim dar um passeiozinho com ela.

Maria Lúcia queria passar para o braço, dona Celina foi enganando.

— O fogo, sinhã Josefa.



A PROFESSORINHA

Perminio Astora

retraimento para conversar, era uma pequena criatura de olhar sereno, riso de quem não quer rir. Minhas palestras, que duravam o tempo com a maior rapidez, nada possuíam de encantado: abusava das mais surradas imagens literárias — comparando seus olhos com estrelas, a cor dos cabelos com o dourado sol.

Aquele lirismo era filho do fingimento, na cama revolvia-me horas, pensando o perigo que corria. Na verdade, para a polícia meu corpo não mais existia, eu devia ter morrido afogado naquela noite que escapulira da reunião clandestina da beira do rio.

Para o governo não seria pequeno meu crime, os companheiros da reunião tiveram grandes sentenças. Somente meu irmão sabia que eu ganhara o mundo, que morei nas fronteiras. Vaguei pelos rios trabalhando para comerciantes aventureiros, conheci febre maligna, depois me arisquei a voltar para a paz da família.

ce do lado de cá: precisava dar evasão ao desejo de conversar. Meus vinte e dois anos haviam conhecido dolorosos silêncios, motivados pela estranheza das terras, pela traição que vem de toda parte, pelos patrões suspeitos.

Ultimamente, causavam-me náuseas, a solidão, nem mesmo os conselhos do mano arrancavam-me das visitas diárias à namorada. Houve dias que pensei em deixar a casa da Rua do Sol, mas amava a liberdade, meus nervos se davam bem com a placidez de Elisa, com a serenidade dos olhos. Pouco sabia da sua vida, apenas que trabalhava numa repartição, como datilógrafa. Morava com a mãe, uma velha doente, sempre em cima da cama.

Duas vezes tive idéias de indagar em que lugar trabalhava, afinal deixei passar as duas oportunidades. O emprêgo dela não interessava, tinha intenção de casar e procurar o interior. De nome trocado começaria a vida, meu irmão já se pronti-

crianças brincando. Atrás das crianças estavam os pais, um jovem casal de aspecto pobre. "São meus vizinhos" — informou Elisa. "Ele é meu colega de repartição" — concluiu. Ambos se aproximaram, as crianças pálidas arrancavam minúsculas flores. Elisa levantou-se para cumprimentá-los, no mesmo tempo que me apresentou. Dei o nome trocado, ainda a coragem não me permitira dizer nem mesmo à Elisa meu verdadeiro nome. O homem olhou-me com certo interesse, e quase no mesmo instante despediu-se. Achei-o parecido com alguém que já tinha visto. Pensei em perguntar qualquer coisa sobre ele, os dedos de Elisa apertando meus dedos, fizeram-me voltar à tranquilidade. O jasmineiro cheirava de aborrecer, as estrelas pareciam lanternas numa noite de festa.

O colega de Elisa se fôra, deixando a mulher e as crianças, que agora vinham de lado.

Depois da ceia se respirava. Damião espichado na espreguiçadeira de pano, na calçada. A viagem no bonde cheio tirava a vontade de sair de noite. Contou o negócio: com a guerra, os rádios estavam subindo, não vinham mais novos, era subir de fazer medo. Quem tinha rádio queria vender e sempre tinha gente muita prá comprar. Antônio Gomes, da repartição, já não ligava, quase, o emprêgo, dava toda importância ao escritório — um escritóriozinho de pedaço de sala — escritório de rádio. Pois bem, mal Damião tinha pensado em se meter na dança, lá compadre Teles — compadre mandou muitas lembranças prá você — foi indagando: — compadre, não sabe quem tem um rádio-zinho barato?... Milagre, não podia ser: era o tempo, era porque o negócio do tempo era rádio mesmo; rádio e automóvel, e geladeira. Mas geladeira e automóvel precisavam de capital, seis, sete contos por um refrigerador usado. Damião não cochilava, ia procurar uma coisa que servisse a compadre Teles, dele não regatear; o contínuo da repartição tinha falado num rapaz do Saneamento que tinha um Westinghouse de graça. A coisa servia a compadre Teles e deixava prá Damião nunca menos de um conto de

(Conclue na pág 17)

INÉDITOS

DE UM POETA LOUCO

DE CASTRO E SILVA

ERASMO escreveu em 1509 o "Elogio da Loucura" e, passados mais de quatro séculos, parece ainda um livro atual. Não é, porém, a Erasmo nem ao "Elogio da Loucura" que dedicarei estas linhas. Elas pertencerão, sim, a um poeta paraibano, que, poeta desde o berço, mesmo depois que as suas faculdades mentais se lhe alteraram, não deixou jamais a poesia, cantando-a nos momentos felizes de lucidez espiritual. O navio cantor de "Os Cames", Silvino Olavo, escreveu, no recolhimento de seu asilo, alguns versos maravilhosos, que bem denotam o velho paisagista das imagens, autor de tanta poesia bonita e boa, esplendente daquele lirismo evocativo dos últimos românticos... Silvino Olavo, que tantas vezes vi, na capital paraibana, trajando com o esmero de um Petrólio, com a sua estatura bem proporcionada, posada, — na simplicidade de todos os seus gestos e na pureza singular de todas as suas palavras e ações — a personificação da Poesia e do encantamento sublime dos verdadeiros poetas. Era um simples e um bom, esse poeta Silvino Olavo, que a Loucura fez segregar-se num claustro e apartar-se do convívio da sociedade mundana, que ainda hoje o relembra, com saudade e tristeza. Há muito tempo que se diz que os poetas e os pintores formam uma nação livre". Igual a Aníbal, Silvino Olavo, com os seus cantos navios de poesia espoliada e eloquente, foi transformando as pedras de seu caminho em verdadeira muralha, que o isolou, depois, nesse tugúrio, longe dos seus, de todos que sorriam os seus versos como vitinhos capitosos e se deixavam embalar na musicalidade envolvente de seus versos... Por que retardar por mais tempo o prazer e a alegria de ouvi-lo, mais uma vez, após tantos anos de ausência? Escutemo-lo com o mesmo carinho e a mesma satisfação com que o fazíamos nos velhos tempos, porque as poesias de agora, altamente inéditas, contém a mesma riqueza das anteriores, quando o poeta não era positivamente louco, — muito embora de loucos queiram classificar a todos os poetas... A Deusa Poesia é sempre boa e amiga. Não se afasta nunca daqueles que a cultuam e, nas horas boas ou más, sempre os consola e anima, dando-lhes palavras de fé e de esperança e cantos impressionantes de libertação e de vitórias... Como se presentisse ir se apagando a chama espiritual de sua vida consciente, ele escreveu este soneto a que intitulou de "Lâmpada triste".

"Pobre lâmpada triste, merencória, que alumina a minha adolescência, já vais morrendo no termo da memória, vais-te apagando em minha consciência... Não quis mais acender-te a chama lídrea de maná e generosa opalescência, e a ingratitude que te fez triste e ingloria amargurou-me o resto da existência! Naquela encruzilhada — entre menino e moço — em que se é prosa do desejo, da ambição de sonhar melhor destino — sonhei demais... E, assim como previste, tudo falhou-me, tudo! e hoje é que vejo que o meu Sonho eras tu — lâmpada triste!"

Diante daquele viver merencório e desiludido, o poeta, não mais podendo consolar a sua ilusão, acha melhor, sonhando, viver uma desilusão consoladora! Foi como chamou esses versos....

"Tem sido tão banal a minha vida! Tão sem relevo, tão sem nota! E, entretanto, Querida, minha alma que anda sempre comovida e é tão devota da Senhora Saudade — só para não viver desiludida, vive sempre afagando a memória querida de uma felicidade....

...Felicidade efêmera e remota... E querendo ir além da própria vida, esquecida de tudo, esquecida do seu passado sem memória, esquecida talvez de um futuro sem glória,

— só para não viver desiludida, já começa a afagar no futuro a Saudade de outra Felicidade....

...Felicidade eterna e inatingida...".

Perplexo, ao contemplar a harmonia das esferas, o poeta-louco sente-se feliz nesse involuntário exílio e, de poeta para poeta e de louco para louco, faz o seu monólogo e dá, impressionante, as suas palavras de fé, pelo bem que há feito para o "consólio humano"...

"Pelo silêncio azul das noites misteriosas há de haver, com certeza, ouvidos que me [ouvem, bocas cheias de amor... de vozes que me [ouvem e mãos celestiais que me desfolhem rosas..."

Quem sabe se não há estrelas que me noivem no relumbrante umbral das noites luminosas, às vozes que ao luar escuto, harmoniosas, e que parecem vir da alma êxul de Beethoven?!"

"Meu consolo maior na vida indiferente vem-me desse luar, de esplêndida redoma, qual sorriso de Deus num perdão soberano..."

Do brevíssimo de um monge

*Quando a minha era mais imperfecto
e eu não sabia
renunciar nunca a essa minha existência
de cada dia,
meu claustro era mais triste e mais estreito
a cella em que eu vivia!*

*Minha angustia era meu vil mais seduzido
Minha dor não vestia
a indumentaria leve e transparente
dessa melancolia
com que, a meia-vid, discretamente,
ella hoje se annuncia!"*

*Ah! o desejo é um vaso ardente
de inquietude e de agonia!...*

Silvino Olavo

Um autógrafo de Silvino Olavo

E eu me fico a pensar nalgum prêmio [indulgente que Deus me dá, talvez, pelo esquisito aroma que eu ando a derramar para o consólio humano!"

"Sereño sacrificio" é um soneto íntimo, feito com o mesmo devotamento das horas felizes do amor e do sonho, do poeta e da amada...

"Não quero nada mais que o teu afeto. Em minha sendo de outro... porém para, como a flor de perfume e formosura, dando o nectar fecundo para o inseto.

Quero só que confesses com ternura sem a adulteração da carne impura, que ainda sou teu ídolo secreto...

Saudade" são pedaços de vida, atopetada de coração e de alma, de amargor e de saudade, de tristeza e de dor...

"Sadismo" revela algo de estranho no poeta romântico e lírico que foi, que é ainda, Silvino Olavo.

"Não sei donde me vem esta esquisita, sádica herança de emoção estranha: — Só sou feliz se uma mulher bonita por minha causa em lágrimas se banha!..."

Dizem que amor obra milagre... Mas, isto é mais do que amor, sem ser jôcuras: o almejo de beijar as tuas lágrimas e te afagar, mulher, com mais ternura..."

Mas, com a consciência de um confessor sincero, ele promete não revelar o segredo que entre eles existe....

"Não, meu bem: não direi. Não direi o que sei nunca a ninguém..."

O poeta recorda. E recordar é viver... "Visão dolorosa" e "Sob a lâmpada triste da

num silêncio sem pranto, mas tristinho,

"Velhas cartas de amor abandonadas! Guardam ainda um aroma de segredo nas suas linhas já quase apagadas estas cartas de amor abandonadas que eu até de retê-las tenho medo!"

Ah! foi aos frios do passado outono que ela mas escreveu, do seu jardim! Mas veio a neve roxa do abandono e aquêlle foi seu derradeiro outono, — roxo outono de neve para mim...

Peço à minh'alma então que se recolha, que se concentre em sua intimidade, e releio estas cartas, fôlha a fôlha, para que seu espírito recolha meu pranto silencioso de saudade!

Releio. Aspiro êsse perfume extinto de perdidos afetos e ternuras...

Tenho a impressão de um campo-santo... Sinto que se transforma o seu perfume extinto num vago olôr de flor de sepulturas!

O papel tem a côr opaca e triste de uma recordação do que já foi. Evoco a sua mãe, que já não existe, deslizando ao papel opaco e triste, e não posso pedir que me perdoe!

Já não posso beijar aquêlles dedos da mão que outrora tanto me afagava os cabelos... E, cofre de segredos, ficavam ternos, trêmulos seus dedos, se, por acaso e a furto, eu lhos beijava...

Velhas cartas de amor abandonadas! Guardam ainda um aroma de segredo nas suas linhas já quase apagadas estas cartas de amor abandonadas que eu até de retê-las tenho medo!"

Há, ainda, comigo, muito inédito precioso desse poeta infeliz, que, mesmo o sendo, procura espalhar a felicidade da Poesia a todos aquêlles, são e perfectos, mas sempre loucos pelos seus versos. E ainda o passado, é sempre o passado que o impressiona. Revive, em "Primaveras" as primeiras conversas, os primeiros beijos, o primeiro e inesquecível amor...

"Junto aquêlle portão que dá para a alameda, debruçados nós dois no enforçado gradil, os meus lábios pousei nos teus lábios de seda, num beijo virginal... beijo quase infantil..."

(Foi numa noite azul de céu primaveril...)

Na transparência azul daquela noite clara, o céu, todo estrelado, era como um redil... Sob a opala da lua estilizada e rara o silêncio engastava o teu fuso perfil...

A um pedido que fiz tu ficaste mais quêda, meneando a cabeça em negativa frágil — ...E os meus lábios pousei nos teus lábios de [seda, levemente... num beijo amoroso e sutil...

(Depois... nas minhas mãos, tu ficaste mais [frágil...)

As estrelas sorriram um sorriso gentil... A lua ia a descer devagar — devagar... O ambiente ficou mais lírico e sutil... Meu coração ficou pulsando ainda mais frágil...

O silêncio velava a castidade do ar vaquela noite azul de céu primaveril... E ficámos assim muito tempo a embalar em nossos corações nosso sonho gentil..."

Conciente de seu estado, numa melancolia amado — tanto mais de unção repleto agravante, o poeta, com a alma mais purificada pelo sofrimento e pela dor, pelas desiluições e inquietudes, queda-se, desajeado de vida e de melhores sonhos, diante do nada que o aniquila e da incerteza que o abate... A sua dor e a sua máguia se aprofundam cada vez mais e as suas raízes penetram de mansinho, mas inextirpáveis, o seu coração dilacerado e a sua alma penitente... E de vê-lo sofrer, assim! A Poesia — seu único lenitivo; a morte, — sua maior esperança e o seu maior desejo...

O Psicológico e o Social em nossas letras

Luiz Delgado

EM regra, as virtudes que se apresentam como características e máximas do gênio francês, são a clareza e a segurança, a lógica do raciocínio. Lembro-me, porém, do caloroso e lúcido protesto de Etienne Gilson: não é apenas a razão exata o que dá vida ao pensamento francês através dos tempos, mas uma preocupação, muito mais ampla de conhecer e realizar a natureza humana. Convém não esquecer, advertia aquele historiador de idéias, que Descartes, com as suas análises e os seus métodos, é contemporâneo de Pascal, com as suas intuições e os seus sentimentos. O século que se iniciou com o pensamento positivista e limitado de Comte veio concluir-se e coroar-se com as teorias do impulso vital formuladas por Bergson. E assim por diante. Por que motivo só a tradição racionalista deveria considerar-se representativa de uma existência cultural assim diversificada e rica, assim capaz de dar ao homem uma visão e uma noção mais largas de si mesmo?

Os parcialismos históricos e críticos têm, no mundo inteiro, a mesma tendência de reduzir aquilo apenas que os justifica o multiforme trabalho da nossa inteligência e do nosso coração, cegando-se inteiramente para o espetáculo do resto. Em épocas iguais é nossa, quando tudo se contamina de paixões sociais e políticas, cresce o vício, adquirindo um prestígio quase violento. E a compreensão errada que por esse processo se obtém, adquire o inevitável dinamismo de tudo quanto existe na consciência e procura, em virtude de suas leis próprias, afeição a realidade aos seus conceitos.

Estamos também aqui numa situação sob certos aspectos semelhante.

Pelo Brasil inteiro, proclamou-se que a literatura é social, não pode ser senão social — e, à custa de tanto se repetir a advertência, muita gente acabou por ignorar inteiramente a parte psicológica, individual e lírica que, em nossas letras e para honra nossa, é tão bela e tão importante, pelo menos, ainda hoje, quanto a outra. Veio-se perdendo a visão da realidade no seu conjunto e na sua força. E a generalização artificialmente ameaça desconhecer tanto o panorama objetivo de nossa literatura quanto muita coisa da própria índole da atividade literária.

Muito menos ainda do que qualquer escritor isolado, uma literatura não pode viver de uma idéia só ou de um sentimento único. Aluizio de Azevedo e Machado de Assis viveram no mesmo período e na mesma sociedade. Seus méritos pessoais eram diferentes e não se pode esconder o prejuízo que causou ao primeiro o empenho de obedecer a um sistema, de conformar seus livros à disciplina de uma escola. No entanto, podem ser tomados, no romance brasileiro, como símbolos da nossa capacidade de ver as duas faces da existência — a face interior e a social, dignos. E se procurarmos a mesma capacidade fora da simples ficção, colocando um ao lado do outro dois vultos de equivalente estatura, vamos encontrar Machado e Euclides, por exemplo: um a penetrar nos sertões nordestinos e nos seringaais amazônicos, enquanto o outro não lograva sair da alma de seus personagens.

Esse dualismo de tendências marca também agora as nossas letras e suscita nelas grandezas iguais.

Não se nega a importância que tem assumido entre nós a produção intelectual caracterizada pelo desejo de exprimir antes a coletividade do que o indivíduo. Poder-se-ia tentar, até, dividi-la em três grupos, tendo-se em vista que ela procura na vida do povo às vezes uma inspiração, às vezes uma documentação e às vezes, por fim, uma aplicação.

Com efeito, certos escritores mais antigos dentre os modernos buscavam no povo um revigoramento das fontes, um rejuvenescimento da matéria artística, inclusive quando se valiam do folclore. Ribeiro Couto, por exemplo, abandonava de vez em quando as suas estuções líricas espontâneas para fazer variações em torno de temas ou de ritmos populares. O mesmo fez Jorge de Lima. E Macaulay não é outra coisa, obrigando desde logo à citação de Mário Andrade cujo nome teria de ser lembrado à propósito de quase tudo quanto a respeito de tais assuntos se quisesse dizer.

O romance Os Corumbas de Amândio Fontes, uma das realizações mais completas do gênero, seria apontado como tipo do segundo processo: ele apresenta um fato, documenta uma

história social, com um empenho de objetividade que traz à memória a tradição realista, assim, como os escritores anteriormente designados aparentemente pelo espírito do regionalismo de Arinos e seus êmulos.

Por fim, surgem aqueles como o sr. Jorge Amado nos quais o fervor proselitista domina e fazem da literatura o instrumento de determinadas idéias.

Vê-se como é rigorosa a atuação que exerce em nossas letras, presentemente, esse pensamento social que é um dos traços mais fundos e mais expressivos da humanidade de hoje. E ele que leva um poeta como Carlos Drummond de Andrade ao extremo de se fazer o cantor de uma bandeira partidária, realizando o que seria, há cinquenta anos, um escândalo e um absurdo tamanhos que desprestigiariam imediatamente o poeta, mesmo tratando-se de um poeta cujo excepcional valor gregos e troianos houvessem reconhecido até então.

Pois bem: as intenções sociais que, aliás, não são exclusivistas, de Carlos Drummond de Andrade, podem opor-se os poemas e o sentido geral da poesia de outros poetas tão grandes e influentes quanto ele, como Manuel Bandeira ou Augusto Frederico Schmidt, fiéis apenas aos seus próprios sentimentos, ao mistério do destino do homem que sentem pulsar e doer dentro de seus corações. Mesmo na esfera mais alta, portanto, a literatura social não está só. A maior figura talvez de nossa poesia feminina atual, a srta. Cecília Meireles, demonstra uma igual isenção lírica. O mineiro Emilio Moura e o

gaúcho Reynaldo Moura pertencem com destaque, a uma família poética mais numerosa, provavelmente, agora, do que no tempo de Raul de Leoni.

Entre os romancistas, o êxito recente e justo do segundo volume de *Ciro dos Anjos* mostra que nem os autores nem os leitores desprezaram a lição introspectivista de Machado de Assis.

A propósito do criador, até hoje inapercebido, de *Bras Cubas*, o sr. Astrégildo Pereira acertadamente indicou a presença do social, transcrevendo trechos que nos permitem tocar diretamente, como se mergulhássemos nela, a existência cáriaca de seu tempo. Corresponde essa demonstração a um princípio muito velho: o de que as nossas criaturas levam consigo o nosso sangue, a nossa natureza, e, uma vez que somos animais sociais, não podendo viver fora da sociedade, elas têm de manifestar também a vida social de que nascem e a que tendem. Mas, da mesma forma que o nosso espírito reclama a sociedade, a sociedade não se concebe sem o espírito. E assim, a demonstração pode ser invertida: na obra dos escritores mais dominados pela inspiração social, iremos deparar sempre um reconhecimento da insubstituível importância do indivíduo.

Na obra de José Lins do Régio, por justos títulos considerada de excelente documentação social, palpita sempre a aventura de uma personalidade — para o bem ou para o mal, para o processo quase sempre. Ao lado dos engenhos que se arruinam e das riquezas que se transplantam de um grupo social para outro, há o corpo e a alma, o sangue e os nervos de determinados indivíduos — seja "doidinho", seja o admirável capitão Juca. Há sempre um elemento de constituições, temperamentos, sensibilidades, um elemento individual que para o efeito último, se soma ao elemento coletivo, sem se confundir com ele. Um conhecimento — discursivo ou intuitivo, pouco importa, — um conhecimento eloquente e direto da personalidade humana aparece em cada episódio dos livros de José Lins do Régio e constitui um fator que mal podemos calcular da segurança artística revelada neles.

* * * * *

O Terrível Polímionio Do Nordeste

(Conclusão da pag. 4)

lina, tão bem instalada no quadro em que o autor de Joelhos a focaliza e excepcionaliza. Cabe-lhe, pois, em boa parte, a honra da colaboração em "Pedra de Fogo," dando a um rústico emigrado a chave dos mistérios do alfabeto, conseguiu aproveitá-lo, atirando-o a coxia da proa dum carroção do Lloyd, onde teria mil ocasiões de, nostálgico de mares a fora, refletir na situação em que deixara a terra. Ultimamente, estimulado por alguém, dispôs-se ele a coligir uma dúzia de capítulos em que se faria o registro sangrento de sentimentos desvirtuados no peito de valentes, fixados em episódios dignos, ora de um tratado lombrosiano, ora de um compêndio militar de fintas e mais espertezas e estratégias de guerra.

Ante os silêncios do oceano, nos seus anos de marujo, é que talvez se tenham cristalizado e arrumado as informações de Rodrigues de Carvalho. No saco de viagem do marítimo ficariam ajuntadas as lembranças malditas daqueles rincões de saudades imperecíveis nos quais

nascera e vivera, e prudente abandonou desde que a intervenção de políticos corruptos, dos militares de mal trato, violando-os os havia tornado inabitáveis.

Uma camponesa analfabeta, esposa de um sineiros das cercanias de Isaia Poliana, veio a ditar à senhora Kosuzninskaia, cunhada de Tolstoi, a narração de sua vida tristíssima. Documento tão simples e flagrante foi apadrinhado pelo mestre russo e logo suposto por muita gente boa ser obra sua, disfarçada sob o nome dessa pobre mulher. "Pedra de Fogo," pelo seu contexto de boa fé e modos de corredia singeleza e desafetação intrínseca, avizinha-se dessa produção específica da confadonha russa, a contar as suas aventuras dolorosas com a facilidade que deve ser comum ao brasileiro do interior e ao homem das estepes. Animais perdidos na imensidão das terras áspers, organizados num municipalismo incipiente, acudidos pelos mesmos terrores, vítimas dos mesmos abusos dos mandões administrativos, adontados de idêntico fanatismo, sempre ameaçados pela intercessão das tropas, que lhes tira o gosto do trabalho honesto e os refugia às proezas delituosas, têm esses dois povos a coragem fácil, a resignação requintada e a língua desenvolta e rolante. E das naturezas contensas e vítimas de más complicações, essa aptidão comunicativa tal como se manifesta no correr destes relatos.

Mas não será somente o dote do contador extraordinariamente espontâneo, que implica "Pedra de Fogo." O tômo importa com efeito na solene denúncia de um homem do povo, seguro de suas afirmações comprovadas. O depoente aça-se evidentemente contra os nossos dirigentes. Não vai a ponto de perder a cabeça e atirar uma bomba no Ministério do Trabalho ou no da Educação, nos baixos do Catete ou do Guanabara. Para resultado do gesto escandaloso e simbólico faltaria a certeza de melhores efeitos. Grafou então o antigo "caupira" as suas queixas no papel e pediu aos prelos do editor a possibilidade do seu testemunho impresso.

Um valor altamente moral discerne-se nesta publicação: Rodrigues de Carvalho se reclama sanções, não se candidata a nenhuma, a insigne e caritativa mestra Dona Tertu-

Otávio de Faria, levando a efeito também uma obra cíclica, intitulou-a *Tragédia Burguesa*. Seus estudos anteriores apresentam as ocupações permanentes de seu espírito e servem como que de fundo para realçar a legenda, acentuando o intento de observação e documentação social. Vê-se, no entanto, como as almas avançam para o primeiro plano, como as psicologias individuais alicerçam e estruturam a trama das histórias que se narram. Transformam-se, essas histórias, de descrição da vida de uma classe em análise e interpretação de personalidades. Ao contrário do que o autor desejaria talvez mas seguindo as inflexíveis indicações da realidade, a classe é apenas moldura.

Tanto pelo número e mérito dos escritores que permanecem fiéis ao indivíduo como pela inabundância da realidade que traz sempre o espírito para o seu pósto de proeminência, — a nossa literatura não é toda social: continua psicológica.

Com a sua inquieta inteligência, vencendo uma série de inclinações próprias, de sugestões do ambiente e de hábitos culturais, Maria de Andrade assinalou, certa vez, "esta absurda e permanente ausência de pensamento filosófico de uma atitude filosófica da inteligência, entre os nossos intelectuais. Os cientistas se refugiam no laboratório ou na exposição sedentária das doutrinas alheias. Os artistas não têm onde se refugiar mas se disfarçam com ingenuidade no padrão da arte social. Se acaso pretendem saber o que os nossos intelectuais pensam dos problemas essenciais do ser, se fica atônito: não há o que respirar nas obras de quase todos e muito menos nas suas atarantadas atitudes 'vitalistas'. Esse é o mal, sem dúvida, — e não será corrigido pela existência dessa arte psicológica aqui oposta à ante-social, embora não se disfarce o contorcido e o precário de semelhante adjetivação. Mas, se alguma coisa permite-nos a esperança do desejável advento dessa filosofia, é a atual presença de uma preocupação da totalidade humana, fazendo-nos alongar as vistas para além dos incidentes sociais em busca de fundamental atividade do espírito.

prêmio das nossas Acadêmias de Letras, nem espera a subvenção oficial ao documento que lhe surgiu tanto do espírito como do coração bem formado. Assim, não faltará nem mesmo o requisito da independência ao libelo que ferreteia aqueles que só fizeram até agora incompreender a gente e, sobretudo, aumentar os sofrimentos e os descontentamentos no mundo sertanejo. Nesta peça, legítima, inseparável dora por diante dos autos da acusação, demonstrar-se-á a maleficiência nas faces do mais condável dos réus — o agente da saúde, da educação, do crédito e da segurança, reversos na sua natureza cultural.

Carlos Salomon, tradutor das declarações da acusada camponesa, vizinha de Tolstoi, visitando um parque de Peterhof, ouviu, do cocheiro da carruagem que o transportava que só tem o maior pecado do mundo: — julgar o próximo. Aposto que estaria incluso no pensamento do precioso auto-medonte analisar e apreciar os livros dos outros. E o péso do remorso em que ora me tritura. Mas, tais são as qualidades superiores, inclusas no caráter e na pena iniciante de Rodrigues de Carvalho, que volto a essa culpa, sentindo-a felizmente bem perdável no desfecho de minha tardia e inútil contrição.

Noticiou-se há pouco tempo que Francis Carco, dentre as ruínas da ocupação tedesca, na França, descobriu uma jóia fina e desenterrou-a, anunciando o nome de um novo escritor. Não me cabe menor contentamento e galardão pelo mesmo motivo. Divulgo por minha vez, achado semelhante. Louvado seja Deus! Não se trata de nenhum salvador do Brasil.

Das macabrias do nordeste eleva-se, marcado das cicatrizes indelévels em que lhe forjaram a raça, um homem simples, paciente, modestíssimo, indeformável às suas do infortúnio e às grilhetas da servidão. Repleto de recordações, resolveu-se a desborçá-las, ingressando na galeria dos plúmptivos do seu tempo. A çaça de equívocos, para os arrasar de uma vez, para demoli-los, não traz o trabuco engatilhado nas unhas, mas a pluma novata, alerta, limpa e honesta, inaugurada nestas folhas que há de felizmente ficar.

Nova Friburgo, 7 de setembro de 1945.

Todos os livros comprados na LIVRARIA UNIVERSAL têm descontos especiais

Livraria Universal

Av. Rio Branco, 50
R E C I F E

Retrato de um Poeta

Valdemar Cavalcanti

JOSE Lins do Rêgo viveu quase dez anos em Alagoas, e desses dez anos parece que ele guarda a mais viva impressão. Não é, aliás, para menos: foi lá que ele escreveu os primeiros romances do "Cielo da Cana de Açúcar". No prefácio do seu volume de artigos — "Gordos e Magros" —, José Lins do Rêgo nos oferece um traço de suas reminiscências daquela época, com o testemunho da maior simpatia pela geração que ele viu estreitar nas letras da província. O romancista da Paraíba chegou a Maceió em 1926 e se pôs logo em contacto com os elementos mais jovens e os mais ansiosos por uma nova expressão de cultura. Formou-se então um grupo realmente audacioso, que desenvolveu uma fecunda atuação intelectual, a que não faltaram algumas tonalidades revolucionárias. Lembra José Lins do Rêgo, entre outros, os nomes de Aluísio Branco, Arnon de Melo, Aurélio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães e Raul Lima — hoje uns "grandes de nossas letras, críticos, poetas, contistas".

A história dessa geração, dispersa pelos caminhos da vida e da morte, ligam-se ainda os nomes de Jorge de Lima e Graciliano Ramos. O primeiro teve a coragem de romper com o passado e de estabelecer um itinerário novo ao seu lirismo, dando-nos um exemplo que dificilmente esqueceremos. O outro, homem ignorado do sertão, surpreendeu-nos, inicialmente, com os seus relatórios de prefeito — novidade no gênero, que foi uma revelação de personalidade para os rapazes inquietos da província.

Pena é que o romancista paraibano esquecesse na evocação dos seus tempos de Alagoas uma admirável figura de poeta, que desapareceu silenciosamente no Natal de 1941: Carlos Paurílio. Um raro exemplar humano, amarrotado pelo destino, que o vício e a miséria a certa altura tornaram dramático.

Carlos Paurílio morreu como viveu e como provavelmente quis morrer: na província e sem rumor. Morreu — para emprestar uma velha imagem, que lhe seria grata — morreu como um passarinho.

De ninguém me lembro que se agarrasse tanto a sua terra e se identificasse tanto com a sua gente. Carlos Paurílio não conseguiu nunca respirar a vontade longe de Maceió. Por mais de uma vez outras terras e outras gentes o atraíram e não houve forças que o enraizassem a outro chão. Ele amava a província sem arrebatamento, sem veemência, sem exaltação. Era um amor simples, humilde e sem correspondência — tanto mais denso e profundo.

Nas noites longas de luar, ele se entregava a Maceió com uma voluptuosa de namorado, procurando conhecer-lhe os menores e íntimos encantos, conquistando becos, descobrindo ruas de bairro, sentindo a alma da cidade, como aquele personagem de "As Noites Brancas" de Dostoiévski.

nascem, crescem e se desenvolvem a vontade.

Vou para onde na rua muda?
Vou à estação ou vou ao cemitério?

— indagava o poeta, diante das casas afundadas no sono, dentro da rua morta, "sem jornais e sem meninos".
No pesado silêncio que as coisas afunda, arripiando-se, às vezes, à expectativa dum belo encontro com o defunto Laforgue num beco triste.

Era pelos bairros, sobretudo, que Carlos Paurílio gostava de distrair a sua solidão. Pelos bairros pobres, onde recenseava os tipos esquecidos dos seus contos e colhia os melhores instantes de sua poesia.

Sabia apreciar, com extraordinária ternura, as vidas que surdamente escorrem sob os tetos modestos. Sabia adivinhar o drama das existências monótonas — os homens sem ambições, as mocinhas sem namorados, as crianças sem brinquedos. Sabia compreender o heroísmo da pobreza conformada.

Tudo o que ele escreveu tem a atmosfera de Maceió, e, particularmente, desses bairros. Em muitos de seus contos e poemas aparece essa gente vulgar e tímida, amassada pelo quotidiano. Carlos Paurílio colhia a vida nas suas fontes na aparência menos ricas e menos sugestivas. O segredo de sua força criadora estava no dar relevo a essas sombras, fixando-lhes os contornos apagados, sem lhes alterar a substância humana e sem esquecer as suas relações com o meio.

Tinha ele qualquer coisa de grande nesse poder de compreensão das coisas e dos seres achatados pela rotina; nessa capacidade de sentir o interpretar os pequeninos dramas e as felicidades obscuras; nessa aptidão singular para a análise delicada dos gestos sem calor e das palavras sem ressonância.

Parece que estou a vê-lo — miúdo, os olhos de chinês, a testa larga. E moreno, bem moreno. Era feio e só poderia impressionar pela voz e pelas palavras, que lhe saíam mansas por entre os dentes podres. Nunca um autor se confundiu tanto com os seus personagens; nunca um autor pareceu tanto um tipo crindo pela sua própria imaginação.

Carlos Paurílio foi sempre igual a si mesmo — tímido, medido, natural. Nada — nem a desgraça — modificou o seu estilo de vida ou a sua natureza. Tinha método em tudo — parecia contar os passos na rua como contava as palavras ao escrever. E a morte mesma lhe veio metodicamente, durante anos a fio lhe dando uma rala e cruel ração de sofrimento e de vício.

A vida para ele era sem rumor — uma vida de passos e rodas macias. Não sei de um gesto largo, de uma expressão pedante, de uma atitude menos discreta de Carlos Paurílio. Parece que ele se realizava plenamente nesse viver haço e sem projeção, quase se esfumando nos meio-tons.

Em face do destino, truncado pelas forças misteriosas da herança, sempre se portou com

singular naturalidade. Entregou-se à corrente sem resistência. Nunca ninguém o viu desesperado, mesmo nos dias mais tristemente cinzentos do poeta — os dias que o álcool tornou sombrios e desgraçados. Ele se consumiu aos poucos, ano a ano, mês a mês, dia a dia, sem amargor, sem um queixume. Há nos seus poemas uma névoa permanente de melancolia — e a melancolia e a ternura foram as constantes de sua poesia; mas neles não transparece nenhum rancor.

O homem sempre se confundiu no poeta, transcrevendo-se num as qualidades e a maneira de ser do outro. O Carlos Paurílio que encontrávamos na rua era o mesmo Carlos Paurílio dos suplementos literários e dos livros. O poeta e o homem cruzavam-se em idênticos caminhos, com destinos iguais.

Quando o conheci, Carlos Paurílio escrevia sonetos sobre a teia de aranha e temas semelhantes. As letras alagoanas atravessavam então o ciclo do "Acendedor de Lâmpadas" — tão funda foi a repercussão do famoso dó de peito pernambuco de Jorge de Lima. Nem era ainda Carlos Paurílio; era Carlos Silva, o poeta dos Reflexos.

Depois, ele participou do mo-

vimento modernista, desencuando sob a influência direta de José Lins do Rêgo e do poeta de "Essa néga Fulô". Colaborou na organização da "Festa da Arte Nova" — uma ruidosa e caricatural manifestação modernista, de que ainda hoje se guarda memória em Maceió. Assinou, por esse tempo, um manifesto aos intelectuais paulistas e fez parte da redação de "Maraçaná" e, tempos depois, de "Novidade" — ambas revistas com objetivos de renovação cultural, particularmente a última, semanário, que desenvolveu uma atuação mais intensa e, noutro sentido, mais ampla, resistindo as forças da rotina e do desinteresse intelectual do meio pouco durante seis longos meses.

A vida e a morte foram desagregando aos poucos o grupo literário formado por essa época em Alagoas. Carlos Paurílio chegou a sair de sua terra, vindo para São Paulo. Mas não tardou a regressar à província para al fincar raízes e al morrer como morreu, em surdina.

Carlos Paurílio publicou ainda dois pequenos livros, por sinal que editados na província; uma coletânea de contos, intitulada Solidão, e uma novela — A idade dos passos perdidos, es-

SOBRAL

Diante das ondas barulhosas e dos coqueiros farfalhantes invento um silêncio que fale a mim mesmo. As ondas vão e vêm em ritmos perdidos e os coqueiros nostálgicos acenam aos navios.

Traço pensamentos graves na areia para ter consciência de que sou efêmero. Ali, uma senhorita, com o verde dos seus olhos, junto ao seu cavalete, pinta uma marinha.

O crepúsculo afunda-se no mar. Os afogados vão ficar mais tristes. Esqueço-me a soltar os sonhos como barcos e a sacudir o coração para pescar poemas.

Carlos Paurílio

pécie de memórias da infância, do mais vivo sabor lírico. Aliás, essa prosa existia em função da poesia, apontando no escritor, em todos os instantes, o admirável poeta conduzido a um novo meio de expressão.

As páginas de ficção que ele nos deixou estão salpicadas de reminiscências pessoais — lembranças de pessoas, fatos e coisas, filtradas pelo tempo e colhidas por uma sensibilidade de extraordinária acuidade. Há uns apontamentos de Carlos Paurílio sobre o pai — o violoncelo que ele tocava e a sua morte no hospital — que são verdadeiramente marcantes da natureza de sua arte.

Pena é que a hereditiedade e os surdos dramas domésticos arrastassem o poeta à ruína mais triste deste mundo. Carlos

Paurílio deu-se ao álcool como um suicida e a vida que ele vivia levando nos últimos anos era uma simples moratória da morte.

Pelos jornais divulgou regularmente contos, crônicas e poemas, tantas vezes escritos ao clarear das madrugadas. Todo um caderno de poemas perdeu-se certa vez numa noite de boemia pelos cafés vagabundos da cidade.

O editor generoso que quisesse dar a lume esparsa de Carlos Paurílio — esparsa, toda ela, em jornais do interior — estou certo de que prestaria merecida homenagem à memória de um legítimo poeta e escritor de província.

MANOEL ANTÔNIO DE ALMEIDA e as

"Memórias de um Sargento de Milícias"

Sylvio RABELLO

O INTERESSE cada vez maior pelo romance de Manuel Antônio de Almeida — "MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS" — vem igualmente intensificando a curiosidade pela sua vida: as origens e a formação do homem que escreverá o livro mais em discordância com as tendências dominantes no seu tempo e no seu meio. De fato, foi no bem cesso da fase romântica que Manuel Antônio de Almeida apareceu com o seu folhetim de que resultaria o romance de costumes que teve por ambiente o Rio de Janeiro e como personagens figuras comuns na cidade ainda colonial que Dom João VI escolheu para refúgio da sua corte. Um romance objetivo, frio e tão despido dos recursos usados por José de Alencar, por Machado e até mesmo por Machado de Assis, que não faltou quem afirmasse serem as MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS um livro que antecipeu de muito o naturalismo que nos chegaria quase no fim do século passado.

Mas o caso de Manuel Antônio de Almeida vem mostrar quanto o fenômeno das escolas e das correntes literárias foge às vezes à lógica dos sistemas e às condições de desenvolvimento da própria vida das ideias. Tudo parecia indicar que o autor de um romance datado

de 1852 tivesse se deixado impregnar das influências de todos os românticos do seu tempo — do mesmo "mal do século" que vinha matando, apenas feitos os vinte anos, os nossos líricos mais cheios de esperanças. Mas não. O romance é uma exceção: uma espécie de pausa em tanta dor de amar e até em tanta dor de viver, dos românticos, antes e depois de Manuel Antônio de Almeida.

O que se julgava um enigma da literatura brasileira teve, entretanto, a sua explicação com o estudo que em 1943 o sr. Marques Rebelo publicou em edição do Instituto do Livro. Não é que a VIDA E OBRA DE MANOEL ANTÔNIO DE ALMEIDA seja propriamente um ensaio de interpretação da presença deste escritor dentro do romantismo, sem ser um romantismo. Mas trouxe-nos o sr. Marques Rebelo novos elementos acerca da vida do romancista, e por eles se poderá chegar aos motivos que fizeram do seu livro uma como nota de tranquilidade e mesmo de equilíbrio em todo o alvoroço romântico dos nossos escritores de grande parte do século XIX.

Antes do sr. Marques Rebelo ninguém tinha realizado pesquisa de tão bons resultados sobre o autor das MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS. Ignorava-se quase tudo o que lhe dizia respeito. Até

mesmo Sylvio Romero, que era um paciente rebuscador de documentos, pouco adiantara sobre o romancista da cidade do Rio, ao tempo do Rei velho. Sabia-se vagamente que ele ocupara um lugar de administrador da Tipografia Nacional, sendo al o protetor de Machado de Assis nos primeiros passos da sua carreira literária; e que morreria num naufrágio, bem perto do litoral. O mais eram suposições que não mereciam muita fé. Com o estudo do sr. Marques Rebelo, todavia, a vida de Manuel Antônio de Almeida é desvendada em seus aspectos principais. E se algumas vezes certos vícios são preenchidos livremente pelo autor, é certo que esse acréscimo se faz com tanta discreção que em nada prejudica a fidelidade dos traços do biografado.

Sente-se, entretanto, que o material encontrado é escasso. Que por mais que o sr. Marques Rebelo remexesse os papéis velhos, muitos dos dados necessários a uma reconstrução completa da vida do romancista lhe escaparam. Mas a culpa é menos dos arquivos do que mesmo de Manuel Antônio de Almeida. Trinta anos de vida mediocre poucos vestígios haveriam de deixar. Por isso é que o ensaio do sr. Marques Rebelo desapaia um bocadinho a falta de dramaticidade e até de interesse humano. Mas

foi bom que ele tivesse respectado a mesquinhez de uma vida que se arrastara obscuramente como a vida de quase toda a gente: sem grandes alegrias mas também sem grandes sofrimentos. Uma vida tão igual a si mesma como a dos personagens que fixaria depois nas suas MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS. O sr. Marques Rebelo sugere toda a monotonia da vida de Manuel Antônio de Almeida, sustentando do começo ao fim do seu ensaio um tom quase de conversa, em nenhum momento fazendo fraso que se preste a um alteamento ou a um tremor de voz.

Imagina-se que origens tivera Manuel Antônio de Almeida nascendo de pais que moravam na velha rua do Propósito — a praia, o mangue e os carangueiros entrando pela porta da casa. Começos tão duros de vencer quanto os de Machado de Assis, menos a cor dos pais que era branca, de portugueses mal acomodados à terra em que esperavam um destino melhor. Mas o destino deles foi sempre cada vez pior, porque o pai, tenente de um regimento lusitano, em breve deixaria de existir. Ficaria a mãe com quatro filhos, duas meninas e dois meninos, para sustentar com muito trabalho dos seus braços —

(Conclua na pág. 12)

Falam os Críticos

O LIVRO DO MÊS

Na Cidade das Letras

A poesia de Carlos

Drummond

O caráter objetivo dessa poesia inicial de Carlos Drummond é que o leva a preferir o episódio, o apólogo, a notícia, a fotografia pitoresca, o dado circunstancial, o flagrante característico. Em *Brejo das Almas* já o poeta cultiva, em menor escala, tal forma, abandonando-a, quase completamente, nos últimos livros. A volúpia do comentário de que não pode se livrar, impõe-lhe o uso abusivo do verso, entre parêntesis, que ficou sendo uma marca característica da sua poesia e que não deixará de explorar mesmo nos seus poemas mais recentes.

Para o poeta, nessa fase, o mundo é um composto de elementos sem sentido e sem unidade substancial, cuja incoerência ridícula, violentamente denuncia, resultando a comédia das suas combinações desordenadas. É a força da sua sátira desmonta peça por peça essa máquina de convenções, de crenças cegas de mentiras sociais, de superstições medrosas, de tradições rotineiras, de injustiças frias, de inconsciências asfixiantes, de indiferenças pelo drama.

O jogo de complicitades entre o bem e o mal, é o que fixa no "Casamento do Céu e do Inferno" que com "Igreja", "O que fizeram do Natal", e "Papai Noel às avessas", marca sua cética atitude diante do que há de rotina na fé dos homens, de hábito morto. O seu espírito anatômista traça a estrutura de um mundo técnico e mecânico de cenografia teatral. Sob a encenação celestial, o mal sempre rondará, vigilante, espiando pelas frinchas do cenário, enquanto no azul do céu de metileno, em que a lua diurética e irônica de cortinados e grinaldas e São Pedro dorme no som do roncar mecânico do relógio do céu.

(Almeida Sales — Trecho de crítica — *A Manhã* — Rio, 12-V-1946).

Intelligentsia?

É necessário, inicialmente, observar que "intelligentsia" não é sinônimo de "élite". Este último termo é um anacronismo sociológico e o seu emprego é sintoma da persistência de inclinações fascistas e neo-fascistas. A palavra "élite" faz parte do "argot" fascista. Supõe aquele desprêzo arrogante pela massa e uma ignorância do papel destas na história. A elite é concebida como um grupo dos melhores, dos que conduzem, e aos quais incumbe a manipulação dos impulsos da massa e dar sentido à história. Em teoria, o marxismo afirma que a história, tem um sentido e que a elite cabe descobrir este sentido. A prática marxista, porém, se identifica perfeitamente com a fascista, visto que é sempre a um grupo de "infalíveis" que incumbe conduzir a massa no sentido da história, seja este imanente ou deliberadamente imposto.

Tanto o marxismo como o fascismo anseiam por assegurar o monopólio da produção da cultura, por organizar os intelectuais em moldes neo-escolásticos, revelam-se saudosistas de épocas já defuntas em que a concepção do mundo era exclusivamente elaborada e preservada por uma classe, cerrada

no que se revelam profundamente anti-democráticos e reacionários.

A "intelligentsia" é um produto da sociedade industrial, cujo advento marca o desaparecimento do monopólio da produção da cultura, exercido por uma classe privilegiada e, ao mesmo tempo, a formação da opinião pública.

(Guerreiro Ramos — Trecho de artigo — *A Notícia* — 12-V-1946).

Ciro dos Anjos e

Machado

Não há dúvida que é uma história bem contada, essa que nos dá o sr. *Ciro dos Anjos*, com o seu romance *Abdias*. Não há dúvida também que se há no Brasil um escritor que escreva com cuidado, que tenha um ouvido de músico, tal escritor é o romancista *Ciro dos Anjos*, herdeiro legítimo do estilo e da filosofia machadeanos. Aliás, quando se menciona a influência de Machado em *Ciro dos Anjos*, é conveniente salientar que a herança filosófica é mais gorda que a primeira. Muita gente lembrou o estilo de Machado de Assis ao criticar aquela admirável *O Amarelo Belmonte*, esquecendo que a fascinação do escritor mineiro é acima de tudo pelo pessimismo do velho criador de *Quincas Borba*. Este, o verdadeiro ponto de contacto entre os dois romancistas. Nem é preciso maior prova de que a leitura do saboroso *Abdias*, que tanto lembra Machado, apesar do sr. *Ciro dos Anjos* se achar hoje quase senhor de um estilo.

(Perminio Asfara — Trecho de artigo — *Diário de Notícias*, Rio, 12-V-1946).

Compreensão de Keyserling

"Cumpra, para a melhor compreensão de Keyserling, anotar, de começo, que ele é um sistematizador de pensamento. Temos, por isso mesmo, a impressão de que a vida pensa, nas suas contradições e mistérios, pelo cérebro desse pensador..."

Cientifiquei-me disso, quando o conheci pessoalmente, aqui em São Paulo. Aquêle homenzarrão, louro, de olhos oblíquos, não olhava propriamente as coisas. A impressão que se tinha é a de que ele aspirava o que via, como o ar necessário para a sua personalidade.

Lembro-me de que falei da composição social de São Paulo, a conjunção das raças diversas. Ele mostrou essa situação refletindo em nossos processos de vida, na conformação de nossa sensibilidade, na ausência de estilo ou na incoerência de estilo. Falei-lhe do número de estrangeiros, entre nós. E ele, rápido e distraído, respondeu-me que os números não o interessavam. Ele procurava o sentido das coisas e dos seres e não seus aspectos qualitativos ou quantitativos. Ele procurava em São Paulo, nos seus disparates étnicos, na sua improvisação constante, na sua europeização de seu trabalho, o significado de sua vida".

(Cândido Mota Filho — Trecho de artigo — *O Jornal*, Rio, 12-V-1946).

"Sagarana", de J. Guimarães Rosa

O sr. J. Guimarães Rosa não é um nome desconhecido na literatura brasileira. O seu livro de contos *Sagarana*, que acaba de alcançar um sucesso marcante neste mês de maio de 1946, já foi objeto de um concurso no Ministério da Educação quando saiu premiado o sr. Luiz Jardim, o pintor e contista pernambucano que vive no Rio. No entanto somente agora, com o artigo consagrado do crítico pernambucano Alvaro Lins, o sr. J. Guimarães Rosa está recebendo a glória merecida para o seu talento de "conteur" bravo. "Conteur" bravo porque os seus contos são rudes e bárbaros como a terra do interior do Brasil, embora escritos num estilo original e escurto. Por falar em estilo, é preciso destacar a riqueza fabulosa do vocabulário do sr. Guimarães Rosa em *Sagarana*. Difícil para o leitor encontrar a repetição de um verbo, de uma palavra qualquer em quaisquer de seus períodos. Esta riqueza aliada às qualidades de contador de histórias simples da gente do campo com interesse e mesmo poesia fazem do sr.

Guimarães Rosa um correio-nário do sr. Monteiro Lobato. Em matéria de contos bucólicos, o autor de *Sagarana* ultrapassou todos os escritores novos e velhos do país. Por isso mesmo é muita justa a ovação que vem recebendo da crítica brasileira de todos os matizes. A ela se vem juntar a revista NORDESTE colocando *Sagarana* como o melhor livro do mês de maio de 1946. Livro que marca o início de uma carreira literária na madureza, mas que nem por isso deixará de marcar o início de uma fecunda atividade literária no ficcionismo nacional.

A Editora Universal apresentou *Sagarana* com uma capa que o sr. Agripino Grieco chamou de agro-pecuária, o que não impede de salientarmos a beleza da apresentação. Para os contos de *Sagarana*, nada mais eloquente do que as figuras que ilustram a capa do volume. Na filosofia do autor elas tomam forma de símbolos e símbolos de uma humanidade tremendamente verdadeira. Quem duvidar que leia a história do "Burritinho Pedrez", o conto que abre o grande livro do sr. J. Guimarães Rosa. — A. J.

Suplementos literários

O suplemento "Revista do O Jornal" vem publicando, aos domingos, uns interessantes artigos do escritor francês Roger Caillois, atualmente professor contratado da Universidade de São Paulo. Aliás, os artigos do professor francês podem ser encontrados, em forma de capítulos, no seu livro "Sociologia de la novela", edição argentina da SUR, de Buenos Aires, publicado em 1942. O oitavo artigo da série intitulada "A rebeldia da literatura", por sinal com o mesmo título do capítulo do livro — O suicídio do romance — é o fim do último capítulo do livro a que nos referimos acima. Para os leitores brasileiros, ou os que não estão acostumados com as edições argentinas, é, sem dúvida, uma novidade.

Entrevista inter-placentária

O escritor José Geraldo Vieira concedeu a um suplemento dominical uma magistral entrevista sobre a literatura e éle mesmo.

— No problema da arte (ou artesanato) do romance, o que mais o preocupa?

Perguntou o repórter e melhor respondeu o romancista: "Realizá-lo através do que capto com as minhas lentes dióptricas. Como o que estou dizendo parece pernóstico, vou explicar: Faço romance não segundo este, ou aquele, mas segundo eu, à inglesa, com pronome grande, já que é através do meu renêciarismo bom ou mau que éle é dirigido. O fato de nem sempre vascularizá-lo com material literário meu, e sim simultaneamente com resúdos de escolas, é consequência do meu placentar veso antológico; mas antes isso do que cair na novela... capilar".

O repórter, aliás o grande poeta Lêdo Ivo, insiste ao que me parece de má fé — porque, atualmente, escreve mais do que antes?

"Porque à medida que o tempo foge se passa a trabalhar na razão do quadrado da distância que ainda... sobra. Ou porque os editores e o público já se lembram de nós. Ou para que os filhos vendam originais. Ou, ainda, sempre em série bergardshaweana, para dar vazão através de nós-unidade aos muitos heterônimos que nós somos em gômo. Ou por já termos capacidade para digitalmente sentir várias rédeas".

"... parece pernóstico..." Parece nada. Isto é o que se chama linguagem hipica-catallica-psicográfica... O mais é modestia do autor da "A Quadragesima Porta".



LIVRARIA DO GLOBO

BARCELLOS, BERTASO & CIA — PORTO ALEGRE

Representantes e distribuidores:

J. FERREIRA DE OLIVEIRA

Rua da Imperatriz, 42

FONE: 2268

RECIFE — PERNAMBUCO



A REFEIÇÃO — Tela de Vicente do Rêgo Monteiro

POEMAS INEDITOS DE JOAQUIM CARDOSO

Poema dedicado a Maria Luiza

EU te quero a ti sempre e somente,
eu que compreendi a beleza das prostitutas e dos
que sofri a violência da solidão no meio das multidões
que vi as paisagens do céu erguidas sobre a noite do
que erreí por muito tempo nos jardins deliciosos dos
Eu te quero a ti sempre e somente.

Eu te quero a ti pura e tranquila
preciosa entre todas as mulheres
que como rosas, como lírios, sobre mim se debruçaram,
entre aquelas que de mim se aperceberam
no doce esmaecer das tardes luminosas;
Eu te quero a ti pura e tranquila.

Nos espelhos da memória refletida
pelas horas do meu tempo transpareces
e o sol do meu deserto te ilumina
e a noite do meu sono te adormece.

Eu te pressinto no silêncio das verdades que ignoro,
no silêncio e no delírio dos desejos impossíveis:

Através de um céu sem nuvens, do céu que é um prisma
eu te revelarei a cor da tempestade
e a refração serena do meu mais íntimo segredo...

Em horizontes de ouro e de basalto
indicarei o teu caminho
entre flores de luar...

Farei lenda sobre os teus cabelos...

Eu te quero, e te quero...
E mais, e sempre e somente.

OS ANJOS DA PAZ

SERÃO os anjos da paz
estes seres nebulosos
surgidos da noite enorme
— noite de luto e mortalha...
vestidos de dor, manchados
da lama de terra e sangue
que há nos campos de batalha?
Serão os anjos da paz?

Eles vieram da noite
no sopro da tempestade
trazendo nas vestes negras
do lado do coração
uma camélia tão branca
de um branco muito mais branco
que as asas de uma ave mansa
passando na claridade
num vôo só de esperança
sem sombra deixar no chão.

Mas eles têm sobre o peito
têm sobre o peito a couraça
feita de ferro e marfim...
feita do plasma candente...
que restringe e que amordaça...
feita de fluidos ardentes...
matéria que cristaliza
na saliva das serpentes

Serão os anjos da paz
estes seres nebulosos
surgidos da noite enorme?

Porque vieram de longe
da mais distante paisagem
porque solenes chegaram
de além das nuvens, de além
dos ninhos da ventania
não se pense, não se diga
que trazem de Deus mensagem,
que são anúncios de aurora,
que os seus cantos são consolos
são divinos de harmonia.

Porque do rosto arrancaram
a velha e sinistra máscara
de algozes petrificados
e sobre o rosto colaram
a doce e ferida face
de mortos purificados
não são menos as reservas
de rudes conquistadores
não são menos as reliquias
dos injustos, dos impróprios,
dos de sempre vencedores.

Estes seres nebulosos
que passam nos ares mortos
entre o fumo e sol do incêndio

como estranhos meteoros
não são os anjos da paz.

Soldado desconhecido
cinza de carne e de terra
duro mineiro sofrido
planta do amor e da guerra,
soldado desconhecido
escuro soldado pobre
agora mostra o teu rosto
agora limpa os teus olhos
da seca espuma de sangue
que toda a face te cobre.

Soldado desconhecido
escuro soldado pobre.
Afasta a nuvem de sono
com que a morte te humilhou
desfaz o véu da vertigem
que o céu das almas nublou
verás então que estes anjos
agora os ares rompendo
em luz de sonho e de amor
são aqueles mesmos fantasmas
as meamas aves sedentas
que em longos tempos antigos
sempre o teu corpo rondaram
pelo valor de teu sangue
pelo sal de teu suor.

Soldado desconhecido
enxuga os vidros do dia
da névoa azul da distância:
que se estenda além das cores
além das ondas impuras
a visão maravilhosa
deus mais justos se incorporem
nos relevos das alturas,
que nos campos se propague
se renove eternamente
do teu sãr a flor perene:
nasçam folhas nas ramagens
em manhãs resplandescentes;
nasçam frutos, madrugadas...
e a herva má do desespero
não cresça mais entre as mentes.

Soldado, soldado pobre
soldado desconhecido
símbolo dos desherdados,
marca de treva e silêncio,

muda memória encoberta
força adulta e indefinida
que a própria dor não consome
soldado desconhecido
soldado escuro, soldado
agora mostra o teu rosto
agora diz o teu nome.

O RELÓGIO

QUEM é que sobe as escadas
Batendo o liso degrau?
Marcando o surdo compasso
Com sua perna de pau?

Quem é que tosse baixinho
Na penumbra da anti-sala?
Por que resmunga sozinho?
Por que não cospe e não fala?

Por que dois vermes sombrios
Passando na face morta?...
E o mesmo sopro contínuo
Na frincha daquela porta?

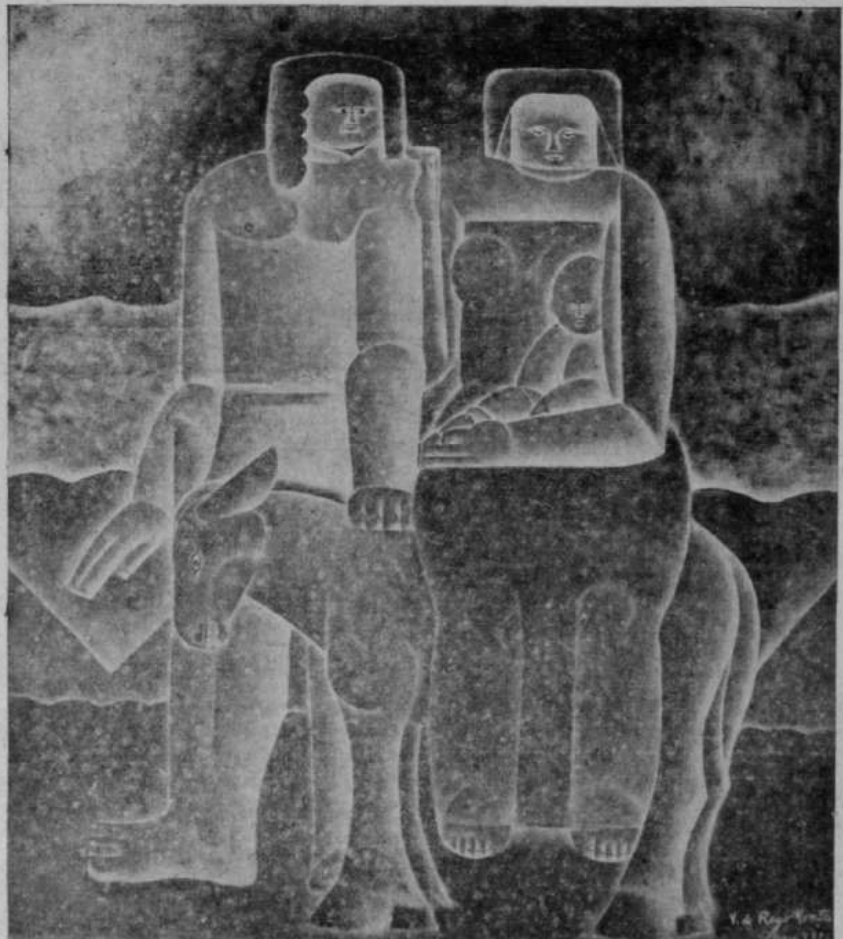
Da velha parede triste
No musgo roçar macio:
São horas leves e tenras
Nascendo do rolo frio.

Um punhal feriu o espaço...
E o alvo sangue a gotejar,
Neste sangue os meus cabelos
Vão decerto se molhar.

Todos os grilos calaram,
Só o silêncio assobia:
Parece que o tempo passa
Com a sua capa vazia.

O tempo enfim cristaliza
Em dimensão natural:
Mas há demônios que arpejam
Na aresta do seu cristal.

No tempo pulverizado
Há cinza também da morte:
Estão serrando no escuro
As tábuas da minha sorte.



A VIAGEM — Tela de Vicente do Rego Monteiro

Sobre Poesia E Alguns Poetas

(Conclusão da pág. 13)

"affaire" de existências, affaire de mundos. Embora, pelo seu próprio caráter "tradutor" seu caráter de mensagem, os poemas, que são "affaire des mots", também adquiriram importância, e sua forma obedece a um conhecimento tático expressional definitivo.

Nascida de duas revelações como a visão do cometa de Halley, na infância, e do ballet russo, na adolescência, a poesia de Murilo Mendes

mantém uma afinidade de seu criar poético tanto com o ballet, como com o fenômeno astronômico, e esta afinidade se nota no ritmo, na simultaneidade, na polifonia, como chamaria Mário de Andrade, o caráter cinemático (o movimento, o deslocamento no tempo), de seu mundo poético, que é como uma constante réplica ao cometa de Halley.

Março - 1946.

Manuel Antônio De Almeida E As "Memórias De Um Sargento De Milícias"

(Conclusão da pág. 9)

com muita roupa lavada para fora e com muito doce vendido em taboleiros por muleques.

A infância de Manuel Antônio de Almeida teria corrido, assim, em humilde convivência, uma vez por outra vindo beatas e comadres dar uma certa alacridade àquela casa triste. Chegado o tempo da escola, certamente que ela não fôra diferente da que nas MEMÓRIAS descreveria, num sobradinho de varanda de pau, mesões enfileirados para os alunos se sentarem cantando a taboada, o professor, uma criatura mirrada, mas com força para fazer funcionar a palmatória. Além das idas à escola e dos trabalhos de casa, Manuel Antônio de Almeida ti-

vera de acompanhar a sua mãe às festas que tão minuciosamente e às vezes com tanto realismo de côr fixaria no seu romance. As procissões da quaresma com a sua música de barbeiros, a dos curives com o seu sequito de bajaranas, a do Espírito Santo com o seu imperador abafado numa casaca de veludo verde — foram as únicas distrações que êle tivera quando menino.

Depois veio o tempo do colégio que parece ter sido o de São Pedro de Alcântara. Mas por isso a vida do menino não deveria ter mudado muito. Talvez a mudança tivesse sido só a do trabalho doméstico, agora acrescido por ter mais idade.

Concluídos os preparatórios, decidiu-se Manuel Antônio de Almeida pela Academia de Belas Artes — decisão que lhe custara poucos meses e alguns desenhos feitos com má vontade. Também não lhe fôra possível ir para a Faculdade de São Paulo, onde só gente rica manlinha os filhos para as carreiras de maior brilho. Não podendo estudar Direito, conformou-se, então, em estudar Medicina, ali mesmo na côrte. Como tinha de vestir-se melhor, daí por diante, e comprar livros caros, êle teve de procurar trabalho. E esse trabalho encontrou-o nas oficinas do "Correio Mercantil". Compoendo, emendando e redigindo notícias, cor-

reram os anos enquanto cursava as aulas da Academia. O fracassado nas artes não

sentia maior entusiasmo pela anatomia, pela matéria médica e pela terapêutica. Felizmente estava num jornal e ao jornalismo se entregara "por instinto". E' pois do jornalismo que haveria de tirar os meios de subsistência da família nesse tempo mais pesado com a morte de sua mãe. Ilusão do adolescente. O dinheiro ganho no jornal não bastava aos novos encargos. Fez-se, por isso, tradutor de romances franceses para a "Tribuna Católica". Volumes e volumes de romances de capa e espada traduzira anos a fio. E' possível mesmo que êsses fossem os livros a que mais assiduamente se dera nas horas de descanso. Por outro lado, o redator-chefe do "Correio Mercantil", Francisco Otaviano, estimulava-o de mil maneiras. O jovem jornalista na sua opinião seria um dos grandes do officio. Nunca vira inteligência mais aberta, mais facilmente predisposta à discussão e ao comentário de qualquer assunto. Manuel Antônio de Almeida, na verdade, supria com a sua magnífica intuição o que lhe faltava em experiência e em estudo. Esta é a razão de lhe terem dado o folhetim do suplemento do "Correio". Uma vez por semana êle teria de redigi-lo para mais vivo interesse dos leitores do jornal. Ai é que começa a história do sargento de milícias.

do folhetinista. Mas acontece que um dos seus companheiros de redação, um certo César Ramos, era um homem de vida aventureira: lutara na guerra da Cisplatina e fôra sargento das milícias comandadas pelo major Vidigal, espécie de Pina Manique em ponto pequeno. Esse velho soldado tinha contado a Manuel Antônio de Almeida as suas façanhas como esbirro de Vidigal e as peripécias políticas em que se distinguiram capadócios famosos do seu tempo.

Aproveitando, então, as crônicas de César Ramos como enredo o seu tanto desarticulado do folhetim — pretexto apenas para um relato em que figuras e costumes conhecidos em menino tomam a maior parte — estava completo o romance, que por sinal fraco sucesso encontrara. A trama foi essa: puro esforço de memória. A técnica que o inexperito romancista adotou não foi outra senão a que assimilara de tanto ler e traduzir os seus romances de capa e espada. Por conta da sua falta de imaginação e da sua falta de experiência de homem pouco vivido, devemos considerar o resto. As MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS teriam de ser, dêste modo, uma súbita interrupção na ordem natural dos acontecimentos. Uma interrupção na corrente dos românticos que viviam, ao tempo, ocupados com os seus modelos da moda. No caso de Manuel Antônio de Almeida, as condições do indivíduo teriam de sobrepor-se à condições gerais da época. E assim êle se salvaria.



SE no Olimpo, em lugar de hidromel, existisse Suco de Tomate marca PEIXE, seria essa a bebida preferida por todos os deuses! O Suco de Tomate marca PEIXE conserva inalteráveis todas as qualidades nutritivas do fruto maduro. Verdadeira fonte de vitaminas A, B, C e G é, ao mesmo tempo, um saboroso refrigerante e um poderoso alimento! Agrada ao paladar e faz bem à saúde. Pode ser tomado a qualquer momento e em qualquer época do ano.

SUCO DE TOMATE MARCA PEIXE

UNIAO DE BARRIO e SA. - FABRICANTE DOS PRODUTOS MARCA PEIXE



— Os "papagaios" ou "arrais", foram inventados, ao que se sabe, pelos chineses, mais ou menos 400 anos A.C. O nono dia do nono mês ainda é chamado, na China o "dia dos papagaios", quando homens e crianças soltam "arrais" de cores vivas e de formatos variados, representando passaros, dragões, peixes, etc.

Os "papagaios" são, também, usados para observações meteorológicas e militares. E' um brinquedo muito popular entre as crianças de todo o mundo que, entretanto, poderá causar sérios danos se não forem observadas certas regras. Assim, meus amiguinhos:

- 1.º — Soltem os "papagaios" em campo aberto, longe da rede de linhas de electricidade.
- 2.º — Não usem nunca fios metálicos nos "papagaios".
- 3.º — Verifiquem se o barbante está perfeitamente sêco.
- 4.º — Se o "papagaio" se prender n'um fio elétrico, solte-o logo e não puxe nunca! — recomendi "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

Sobre Poesia e alguns poetas

Otávio de Freitas Júnior

Andrade, pessoalmente político, redator de jornal político, mas que mantém sua poesia num plano temporal compatível com o plano lírico. E caso que ressurge agora vivamente, com este livro, por vários motivos admirável, "A Rosa do Povo", que se destina a marcar uma das páginas mais sérias da literatura brasileira.

A poesia de Carlos Drummond não é "social" no sentido comum da palavra, por mais que algumas vezes assim o pareça. Ela é sim, revolucionária, não conformista, anti-burguesa, sem a menor dúvida: ela é tudo isto, (desde que é poesia...), mas não é didática, nem resvala nunca para um plano apologético intencional.

O que há na sua poesia, impregnando os poemas, é uma **contemplação preocupada**, inquieta, do mundo. Mais mesmo que uma contemplação, é uma **participação** no drama do mundo, o que realiza o poeta, com seus poemas. Esta participação se dá, de acordo com a sua visão, descobrindo os poemas, — ou, num sentido mais geral, a Poesia, o lirismo — que há perdidos no mundo:

"Penetra surdamente no reino das palavras. Lá estão os poemas que esperam ser escritos. Estão paralisados, mas não há desespero, há calma e frescura na superfície intacta. E-lis-los são e mudos, em estado de dicionário".

("Procura da Poesia").

E uma poesia embebida daquela "simpatia intencional" de Scheller, é a sua grande descoberta, o seu "achado", a sua "trova" pessoal. Pois, é preciso não esquecer, o poeta é sempre um "trovador", um descobridor, e é isto precisamente o que torna a poesia muito superior a uma operação técnica.

Simpatia intencional que torna o poeta Carlos Drummond coivente de todos os assuntos, de todos os motivos, contando que se ajustem uns aos outros, sobretudo aqueles motivos humanos, mais cheios de segredos de virgindade, aqueles motivos do quotidiano, da "existência banal", do homem anônimo e perdido no mundo, opostos na fenomenologia de Heidegger à "existência que se encontra a si mesma", cujo encontro, cuja "prise de conscience" é declinada pelo estado poético. Aquêl estado poético que, já lembramos, Mário de Andrade chamou certa vez de "explosão do ser".

Aquela penetração surda "no reino das palavras" é o grande segredo, digamos assim, da poesia de Carlos Drummond, que muito se aproxima de Valéry quando disse: "Não se faz um poema com idéias, nem com sentimentos; um poema se faz com palavras". Ou então naquela sua definição de poesia como "l'éssai de représenter, ou de réstituer par les moyens du langage articulé ces choses ou cette chose, que tente obscurément d'exposer les cris, les larmes, les caresses, les baisers, les soupirs, etc. et que semblent vouloir exprimer les objets dans ce qu'ils ont d'apparence de vie ou de dessin supposé" ("Littérature" — NRF — Paris 1930). Ao que acrescentaríamos, além dos objetos, os fatos,

mística e sobrenatural, enquanto que a de Carlos Drummond é natural, ou melhor, é hiper-natural.

Portanto, é com um outro sentimento de participação, uma outra esfera de participação que podemos nos aproximar de um livro como "Mundo Enigma", do sr. Murilo Mendes, também publicado neste ano de graça poética de 1945. Sua poesia é uma constante valorização, é uma operação axiológica, e também de pesquisa daquilo que valoriza: da essência das coisas, da *visibilidade* que o permite a penetração em profundidade no mundo, no enigma do mundo.

O enigma do mundo. Eis aí o que diferencia o poeta do não poeta, do burguês. Para o poeta há um enigma do mundo, o mundo é enigmático e misterioso, profundo e intangível. Para o burguês o mundo é claro e palpável, fácil e descoberto. O mundo de burguês é esgotável nas quatro operações da aritmética, o mundo burguês se finda e se entrega todo em soma e multiplicação, em divisão ou subtração. Mas o do poeta permanece inatingido diante da análise lógica.

A poesia de Murilo Mendes é, antes de tudo, gnosiológica, é a pesquisa da unidade essencial através da exaltação lírica. O poeta, no sr. Murilo Mendes, é um visionário capaz de atingir contemplações que se escondem à visão lógica e quotidiana, por uma operação especial de todo o seu ser, e esta operação é o estado poético. Assim a sua gravidade é outra que a de Carlos Drummond, pois se elevando ao plano do sobrenatural, adquire ao mesmo tempo faculdades sacerdotais, místicas.

Sua re-ordenação do mundo não é estritamente ligada ao "reino das palavras", em busca dos "poemas que esperam ser escritos", mas é amplamente existencial, revolucionária e criadora. Porque o centro de importância da poesia, da ação poética de Murilo Mendes, não se acha nos poemas e sim na própria ação poética, na iluminação poética, que para ele constitui uma espécie de para-física, ou atividade para-científica, como chama Raymond em seu livro, hoje clássico, sobre poesia moderna post-baudelaireana. Com seu dom poético, Murilo Mendes transborda do mundo lógico para o mundo mágico, que, desprezando relações de causa e efeito, se liberando ou superando o lógico, torna possíveis imagens como aquela sua, por exemplo, de "coqueiros dando violetas". Assim a atividade poética de Murilo Mendes exige uma onipotência de pensamento, capaz de transformar o real arbitrariamente, ou de acordo com certas correspondências profundas e imperceptíveis à visão comum. Para isto o poeta se torna dono dos sons, das cores, das formas, como também das idéias abstratas, para pulverizar o real e depois reestruturá-lo, visando uma ordem nova onde a visibilidade poética penetre até à essência mesma das coisas.

Estas correspondências o poeta encontra, deslocando o fluido existencial para a elaboração poética, que nele assume qualidades musicais, de arte, ou melhor, de "estesia" se desenvolvendo no tempo, no *succeder*, com feição e sentido orquestral. Daí estar sempre presente em sua poesia a coordenada temporal, o tempo que passou e o que virá, e que se unem, formando novas estruturas. O tempo representa um de seus instrumentos orquestrais que harmoniza o mundo, com que faz o mundo possuir uma linguagem, um gesto, o que torna sua poesia essencialmente dinâmica, cênica, pelo ritmo que atinge, movimentando o conteúdo eidético do seu mundo.

Assim, seus poemas são choques, contactos de imagens, de lirismo grandioso, monumental, cheio de lances cósmicos; imagens, idéias, sentimentos, que se opõem ou se unem, obedecendo à direção do poeta, numa pesquisa de harmonia e de unidade. Unidade que seria a grande iluminação do enigma do mundo, atingida em metamorfoses, em transformação de forma, transformações resultantes de verdadeiras sínteses do contrário, o que levou certa vez o sr. Astróglido Pereira a chamar o poeta Murilo Mendes de "dialético, numa definição muito feliz. Pois é realmente o que mais define a poesia de Murilo Mendes, é a idéia dialética, uma dialética não lógica, mas poética.

A poesia de Murilo Mendes é alguma coisa que transcende o plano literário para se tornar meio de conhecimento místico, meio de penetração em profundidade no mistério e de superação do mundo pela sua constante re-estruturação, (a ação poética), e desta re-estruturação nascem os poemas, como que anunciando o mundo de plenitude poética. Como umas "comptes rendues" do mundo poético ao mundo comum. Seus poemas são a ligação dos dois mundos, do cosmos-poético com o cosmos-físico e humano, o diário, ou melhor, o diurno. O que resulta num deslocamento completo dos valores de sua poesia, que não é aquêl "affaire des mots" como disse Lawrence, mas sim

(Conclui na pág. 12)

Farmacia do Povo

— Zenóbio de Melo —

*

Insc. N.º 407

Praça Dr. Paulo Paranhos, 110

PALMARES — PERNAMBUCO

Já tem sido dito e repetido que as guerras não significam as crises, e sim pontos culminantes das crises sociais, históricas, culturais de uma época. Assim foi aquela guerra de 14, que não atingiu o grande clímax de sua época, e se tornou latente durante 25 anos, até se exteriorizar em 39, progredindo depois sucessivamente, até o fim das batalhas em 1945. Atravessamos, portanto, um período histórico convulsivo, desequilibrado, que, segundo as melhores esperanças, poderá ser uma transição para um novo estado da civilização, ajustados os diversos elementos incoordenados que minam o atual, se refletindo de um modo verdadeiramente dramático na vida toda da comunidade humana.

Seria por muitos motivos estranhável que a literatura, a arte, em geral, e particularmente a poesia, não refletissem a grande crise da época, numa forma nitidamente revolucionária, reformista, inquieta, ante os problemas da vida, tão tragicamente postos a nú nos campos de batalha, e nos horrores de uma lacra incredivelmente desumana, que incendiou o mundo inteiro por 5 anos. Inquietação, participação, numa luta geral a todos os homens, qualquer que seja sua esfera ou sua órbita social ou espiritual.

Há porém duas maneiras de refletir, na Poesia, tal estado de espírito de uma época. Há uma, de superfície, intencional, didática, até certo ponto panfletária. E há outra, profunda, transfigurada no símbolo artístico se desenvolvendo em verticalidade. E' aliás esta a verdadeiramente artística, pois a primeira resulta dum confusão de objetivos e dum limitação de perspectiva: perspectiva de tempo como da natureza mesmo do problema, ou dos problemas humanos. Não que com isto perca em valor humano, mas se condenando a uma transitoriedade incompatível com as perspectivas da arte ou da poesia.

Exemplo dêste horizontalismo revolucionário temos neste poeta muito grande o sr. Rossine Camargo Guarnieri, que, sendo grande como poeta, alia ao seu indiscutível talento artístico e à sua verdadeira força e sensibilidade, um sentido de urgência revolucionária, de pressa reformista, incompatível com a profundidade e a plenitude da arte.

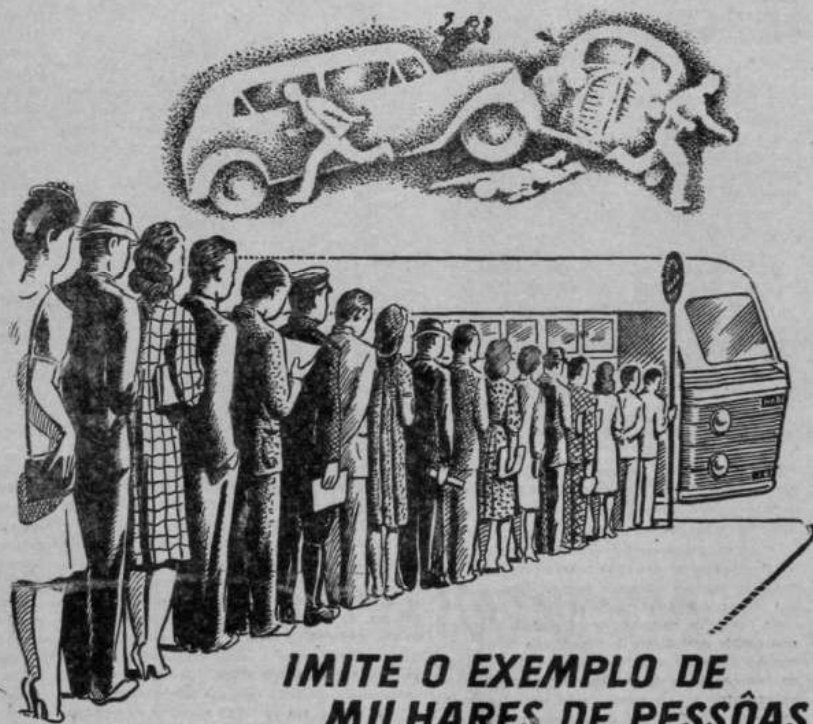
Ora, não vai disto qualquer supervalorização esteticista ou qualquer desvalorização da ação política, revolucionária, "social". Não há mesmo possibilidade de valorizar relativamente ação poética e ação revolucionária, social, pois ambas se dignificam em si mesmas, porém a ação revolucionária a curto prazo, a imediata, não pode nunca se confundir com a outra, a poética, pois suas medidas e suas direções não se ajustam. E é elucidativo um exemplo que desloque para outro terreno menos carregado emotivamente, a mesma questão: o terreno da ciência, digamos. A arte e a ciência não se opõem, mas igualmente não se confundem no plano imediato. O poeta, por valorizar a geometria, ou a química, ou a medicina, não poderá explicar teoremas, fórmulas de ácidos ou regras terapêuticas em suas poesias, e ao mesmo tempo fazer ou transmitir poesia. Pelo menos não pode limitar sua poesia à divulgação de teoremas, fórmulas de ácidos ou regras terapêuticas. E' exatamente o que acontece no campo da ação reformista social, e que infelizmente alguns não querem compreender. Erro justificado embora, pela agudeza dramática dos problemas sociais, exaltando a sensibilidade dum forma tão intensa, que se confunde com o estado poético.

O sr. Rossine Camargo Guarnieri que se inicia nesta senda de exaltação protestante ante os erros do mundo, em 1939, com "Pórtio Inseguro", em 1944 volta a publicar seus poemas em livro, "A Voz do Grande Rio", todo êle incendiado num ardor panfletário, que sendo novo à verdadeira plenitude poética, mal pode encobrir a força lírica do Poeta, que se sublima num grande canto de humanidade, e numa oração fervorosa pela Liberdade, pelo Homem, pela Vida, sugerindo um rico simbolismo poético. Simbolismo "colossalista", se pedirmos em prestado um termo caro ao sociólogo Sorokin, que visa uma tonalidade épica, de canto da vida presente, num sentido Whitmaniano. Mas o intencionalismo imediato, que transparece no poeta, faz com que se percam poemas, cujo conteúdo poderia ser realmente revolucionário, no seu mais amplo sentido, para torná-lo simplesmente revoltoso. O poeta pode conspirar, muitas vezes até não pode deixar de conspirar, mas o poema não pode participar da conspiração.

A poesia é sempre humana, isto sim, mesmo quando aparentemente "desumanizada", quando é verdadeiramente poética. E' esta a segunda maneira de refletir na Poesia, o drama de uma época, e mais que de uma, de todas as épocas. Porque a poesia tem uma estrutura essencial, e num drama ela visa o drama, e no um ela condensa o todo.

E' este o caso do sr. Carlos Drummond de

NÃO ARRISQUE A SUA VIDA!



**IMITE O EXEMPLO DE
MILHARES DE PESSÔAS**

*O "tempo perdido" na espera dos
ônibus da Autoviária é compen-
sado pela segurança do trans-
porte e comodidade na viagem.*

PERNAMBUCO AUTOVIÁRIA LIMITADA

AVENIDA 10 DE NOVEMBRO, 131 • 5º AND. • FONE 6458

Auxiliai a fiscalização da "AUTOVIÁRIA", NÃO DOBRANDO A SENHA

(Especial para o "NORDESTE")

Do grande Mestre Aníbal Freire

A Responsabilidade Extra-Convenção Do Estado Em Face Do Conceito Clássico De Soberania

Gentil MENDONÇA
(da Fac. de Direito)

O declínio do conceito clássico da Soberania no Direito Internacional provocou modificações substanciais nas relações interestatais. Outra fórmula mais ampla e ao mesmo tempo mais útil, e mais compreensiva mesmo, deveria reger as interrelações dos povos, uma vez que um outro mundo se esboçava, em todos os aspectos.

O estreitamento das fronteiras, quer territoriais, quer jurídicas, fundamentou uma civilização configurada exclusivamente no espírito do século XIX. O novo ambiente que se mostrava à Humanidade imporia uma ordem absolutamente diversa, na qual os homens estivessem mais próximos uns dos outros e, por consequência, se pudessem estabelecer interações mais sólidas e mais constantes.

Assim, seria preciso expurgar os derradeiros resíduos da primitiva política isolacionista. Somente com outra orientação se prestaria melhor serviço à causa do Homem, tão necessitada de convivência mais íntima e tão ciosa de expandir a sua personalidade.

Não foi outra a causa que determinou a criação de uma nova consciência no domínio das relações internacionais: substituição do que se chamava Soberania Absoluta pelo princípio da Interdependência das Nações.

Os acontecimentos políticos, econômicos e sociais determinaram a construção da nova bússola: era o império dos fatos sociais, a simultânea estabelecida entre o indivíduo e o Estado, a lei de aproximação, a certeza de que, em alguns aspectos, o Estado se assemelha com a personalidade humana, principalmente na parte em que se constata a necessidade da vida em Sociedade. Assim como os homens têm necessidade de viver socialmente, os Estados também são influenciados por essa imposição natural.

Nada mais, nada menos que o quadro que Rousseau debuxou na tela do Direito Interno, em graduação maior, no Direito Internacional.

Todavia, para que os povos vivessem nesse meio de interdependência, surgiram problemas a resolver. E, dentre esses, um ressaltaria: o de resignar certos preconceitos individualísticos, igualmente como fez o homem de Rousseau, para viver em um estado de civilização.

A seu turno, floresceriam, a par de novos direitos, novas obrigações.

Seria examinado se as nações estariam à altura desse passo evolutivo.

A Soberania Absoluta proporcionava aos Estados a maior das vantagens: limite rigoroso de sua responsabilidade. A Interdependência, trouxe, ao contrário u'a aparente desvantagem: aquele campo se distendeu. O Estado ficou limitado também, porém, em sentido inverso, isto é, tornou-se mais responsável, os seus atos ficaram mais constrangidos, o seu raio de ação mais disciplinado. O que se exigiria era o respeito mais objetivo aos seus parceiros a-fim-de, cada um por si, ser respeitado.

Era o aperfeiçoamento da Comunidade Internacional. Esta só poderia existir nos tempos modernos, se correspondesse às exigências da vida contemporânea.

A Sociedade Internacional, ao tempo em que o Estado era o árbitro exclusivo de suas questões, sem atender aos reclamos impostos pelas necessidades da associação não foi mais que um rudimentar ensaio de compreensão e entendimento universal. Presenciamos as lutas que se travaram no sentido de atrair à órbita das relações internacionais certas nações que se mantiveram, até certo tempo, completamente hostis ao convívio da família humana. O exemplo do Japão atravessa os tempos e vale como uma prova nitidamente acentuada de seu ego-centrismo, no limiar de sua vida internacional, e até como repulsão à lei de sociabilidade.

O equilíbrio da Comunidade Internacional dependia, desse modo, de um movimento espiritual de cada povo, capaz de prefixar as normas pelas quais teria o mundo de se reger, ao mesmo tempo em que desprezava os prejuízos exagerados de tradições injustificáveis. Requeria-se, desarte, uma previsão realista dos acontecimentos que nos aguardavam na sucessão irremediável dos tempos.

Haveria um interesse mais profundo e mais largo a atingir: o da Humanidade.

A moral internacional fortificada através dessa respeitosa convivência, iria, claramente, consolidar propósitos mais severos no cumprimento de certas obrigações. Por consequência imediata surgiria uma camada de ordenações, capazes de, por muito tempo, evitar os choques prejudiciais entre os Estados. A cristalização de uma consciência internacional caminhava a passos largos, e, dir-se-ia, o homem teria evoluído em uma escala bastante progressiva. A violação de um dever sancionado pela consciência dos povos constituiria o maior agravio a esse princípio moral. Neste caso, a opinião pública reacionaria de modo intenso, gerando crises e proclamando valores para a restauração do equilíbrio perdido.

Um direito violado representa um dever que não foi cumprido.

Outras obrigações avultariam desse entendimento entre as nações. E dentre elas, há uma classe que merece nomeação, em face da curiosidade que desperta nos estudiosos. Queremos nos referir às que se configuram por si só — como diríamos — independentemente de quaisquer vínculos impositivos. São os deveres que existem, sem que para tal, anteriormente, fossem necessárias convenções.

A primeira figura é a da gestão de negócios ou quase-contratos. Apesar de sua rara aplicabilidade nos assuntos internacionais, viveu em épocas determinadas, e é capaz de viver em qualquer período histórico. Oferece valioso interesse em qualquer um ângulo por que seja visualizada. A nosso ver, é uma extensão da responsabilidade dos Estados, um resultado do crescimento de suas obrigações, uma excrecência paradoxalmente sadia do corpo de deveres internacionais.

A gestão de negócios tem suas raízes no conceito civil. Posta em evidência na esfera do Direito Internacional, gera, paralelamente, certos direitos do gestor, inclusive o reembolso da quantia despendida na operação. Temos a salientar o caso da Rússia: foi reconhecida com direito a cobrar uma indenização em face de gastos que teve para com a manutenção da ordem na Ruménia Oriental e na Bulgária, após a guerra dos Balkans. Foi o Tratado de Berlim de 1878 que assim se expressou.

O Estado beneficiado tem o dever de corresponder ao esforço empregado pelo beneficiário, desde que, por motivos superiores, osinho, não pode manter a ordem interna. Não é uma obrigação do Estado imposta pela Comunidade Internacional o se envolver com a vida particular de outro, a menos que o grau de desorganização nacional atinja ou ameace

atingir à segurança da paz entre ele e os vizinhos. AI, pode-se verificar o fenômeno da intervenção, porém que deverá ser rigorosamente estudada, a-fim-de ficar constatada a necessidade da providência.

Nisso, não subsiste qualquer restrição à soberania nacional. Apenas foi delimitado o seu campo de existência e de atuação, considerando-se os imperiosos motivos da civilização atual. Para que se chegasse a tal ponto de verdadeiro entendimento a respeito do problema da Soberania, esta, necessitou de u'a mais justa interpretação. Na sua evolução, se desintegrou da idéia primitiva e física do princípio territorial, até chegar a uma conceitualização essencialista, de fundo distintamente jurídico. Esta concepção se aperfeiçoou quando foi consagrada a doutrina da interdependência.

A gestão de negócios é, de-certo modo, a intervenção de um estranho em favor de A ou B. Não é outro o objetivo, senão o de consolidar a ordem internacional, pois o gestor evoca direitos que não são expressos em seu favor, e ampara o beneficiado, muitas vezes em casos em que ele não esperava tal assistência. Se à primeira vista tem o caráter de uma intromissão, examinada detidamente, oferece motivos nobres. Visa a harmonização dos povos, reflete a preocupação universalística de resolver questões, no íntimo das nacionalidades. Desperta a criação de um horizonte maior na previsão dos métodos eficientes asseguratórios da paz.

Nesse particular, há um parentesco quase ineludível entre o quase-contrato e a espécie de contratos que atingem moralmente a terceiros. Visamos os tratados-*légis* e de colaboração fundamentados em objetivos de interesse coletivo, e que contém os princípios gerais elaborados nos Congressos Internacionais.

Estes, expressam a consciência de um mundo civilizado e a eles podem aquecer outros países que deles não fizeram parte. O nosso confronto surge porque um espécim em discussão tem um alvo comum a ser atingido: o grande alvo do bem coletivo, na mais gigantesca superfície.

Todavia, não é somente nessa figura que a responsabilidade estatal se esgota. Temos ainda a fixar o *delito* e o *quase-delito*. Estamos em frente da questão debatidíssima da *intencionalidade*. É um assunto delicado, principalmente no Direito Internacional, onde a *tendência de danar* nem sempre pode ser estabelecida a contento. Em compensação, a mesma dificuldade se acentua ao se querer concluir pela *involuntariedade* de certos atos, os quais, por sua natureza e consequência, trazem malefícios aos Estados.

A pesquisa é exaustiva, e, porisso, delicada. A área do Direito Internacional é muito extensa. As franquias proporcionadas aos nacionais são muito largas em relação às suas atividades. Os atos ou omissões que prejudicam a terceiros "sem o propósito de danar" para que se apresentem como não intencionais têm em seu favor as justificações do poder diplomático, esse mágico poder que diarfara nas curvaturas vertebrais de seus representantes, muitas vezes, um *delito*.

Se o dano resultante quer de uma figura, quer de outra, acarreta a obrigação de indenizar, não resta dúvida de que o *delito* oculto sob a máscara de *quase-delito* é um ato mais grave e envolve uma lesão aviltante à moral do ofendido.

A falta de polícia e o retardamento de justiça — exemplos rudimentares de *quase-delitos* — podem motivar consequências tão sérias, capazes de, por sua intensidade, afeioarem o *delito*.

Todavia, o que predomina em nosso trabalho é a idéia de verificar como o Estado assumiu responsabilidade de tamanha envergadura, em sua história.

Um outro símbolo dessa responsabilidade e que deverá ser carinhosamente observado, em função de seu impressionante objetivo, está representado no *Costume*. Ninguém o definiu melhor do que Vattel ao preconizar que ele é

"um conjunto de máximas e práticas consagradas pelo largo uso e que as nações observam entre si como uma espécie de direito."

Subsidiou-se no *Costume* o princípio elevado de Justiça e Humanidade. Ainda que certos Estados, por motivos superiores, não tenham oportunidade de praticá-lo, são obrigados a fazê-lo quando estiver em jogo um supremo interesse para o bem da Comunidade.

Tal percepção de deveres, vem, luminosamente, revelar o desaparecimento da antiga imagem da Soberania. Acima das conveniências do Estado deve pairar a idéia de bem servir à Humanidade, resignando-se convicções personalíssimas, posto que a ordem internacional depende de uma conexão mais estreita entre os povos, e, porisso, obriga a se considerar, de certa maneira, os problemas gerais como problemas particulares.

Desfigurou-se o "interesse" exclusivista das nações, alheias aos fatos que se passavam, muitas vezes, nas fronteiras de seus quintais. Não foi possível continuar a permanecer de bracos cruzados diante do que se desenrolava na casa vizinha, sobretudo, se essas acontecimentos ameaçavam assumir maior proporção e maiores reflexos, capazes de não justificarem o socorro do lema da *non-intervenção*, por parte do Estado subversor.

Fugir a uma ação conjunta orientada para um fim benigno de repercussão universal, representa, não uma simples omissão, porém, até um crime.

O afastamento e a política de *interiorização* nenhum resultado apreciável podem trazer aos povos modernos. É preciso se cristalizar a crença de que o espírito de solidariedade e cooperação poderá combater com valoroso êxito o fantasma dos conflitos internacionais. Só uma paz pelo desarmamento espiritual é capaz de consubstanciar o ideal de concórdia.

Tem muita razão o grande filósofo William James ao espear:

"Además, no actuar de acuerdo a una creencia equivale con frecuencia a actuar como si la creencia contraria fuera verdadera, de modo que la inacción no sería siempre tan pasiva como los intelectuales suponen.
Es una actitud de voluntad."

Transportando o conceito farto de sabedoria para o campo de nossos estudos, vamos aplicá-lo com justiça às nossas considerações: o povo que não cre em um sistema de desarmamento através da educação do espírito hu-

(Conclui na pág. 19)

DICIONÁRIOS ESCOLARES

INDISPENSÁVEIS AOS ESTUDANTES

<p>Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa De acordo com a reforma ortográfica definitiva</p> <p>É o primeiro dicionário destinado ao Brasil, e elaborado com espírito prático e moderado, uma vez que se levou em conta a língua viva, aquela que lêem da pena dos nossos escritores, e lê nos jornais e se ouve ao luar, nas ruas, no campo e por toda a parte.</p> <p>Pequeno Dicionário Inglês-Português por Nuno Smith de Vasconcelos</p> <p>Com cerca de 40.000 palavras modernas, expressões idiomáticas e termos técnicos que não se encontram em nenhum outro dicionário de sua classe. Recomendado a todos aqueles que desejam escrever corretamente a língua inglesa.</p>	<p>Pequeno Dicionário Latino-Português Organizado por um grupo de professores. Revisão por Germano de Azevedo</p> <p>Faço especialmente para os estudantes de grammas e colégios, apresenta o essencial para a compreensão dos textos latinos. Definições rigorosas em todos os sentidos correntes dos autores clássicos, devidamente registradas.</p> <p>Pequeno Dicionário Espanhol-Português por Idel Becker</p> <p>Com cerca de 50.000 vocabulário, espanhol-americanismos, vocabulário científico, de gíria e neológico. Termos técnicos de medicina, direito, filosofia, ciência natural, mecânica, etc. — O mais completo até hoje publicado no Brasil.</p>
---	--



Edições da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DA IMPERATRIZ, 43
RECIFE — PERNAMBUCO

PROBLEMAS AGRICOLAS E INDUSTRIAIS DO AÇUCAR EM PERNAMBUCO

(Conclusão da pág. 14)

gens altas para os intermediários, as quais são disputadas pelos vendedores.

Em terceiro lugar, surgiu um tipo de açúcar sob a denominação de filtrado, ao qual os produtores atribuem qualidades idênticas ao refinado, efetuando a sua colocação a preços aproximados aos dos tipos resultantes da refinação.

Em consequência de tudo isso, já surgiram desentendimentos entre vendedores e centros importadores, fato conhecido do Instituto.

Parece necessário que o I. A. A. baixe uma resolução regularizando a atual situação de preços, unificando as cotações, extinguindo as diversas modalidades de negócios que ocasionam margens diferentes, verificando os tabelamentos locais e definindo a situação do tipo filtrado.

SUGESTÕES

I — Ação no sentido de elevar o nível educacional dos trabalhadores, criando o despertar o desejo de melhorar suas condições de vida, o rendimento do trabalho e o poder aquisitivo. Para esse fim, são lembradas:

- 1) — Os serviços dos técnicos assistentes sociais;
- 2) — Serviço semelhante ao dos técnicos assistentes sociais, exercido na medida do possível pelos agricultores e pelos feitores e empregados de usinas;
- 3) — Distribuição adequada, na zona canavieira, de um certo número de família imigrantes, capazes de, pela emulação e assimilação, facilitar a melhoria educacional das massas trabalhadoras;
- 4) — Escolas rurais de prática agrícola, que tenham por base a cana de açúcar, mas que visem também a diversificação de culturas.

II — Conjugação de esforços dos órgãos interessados — Ministério do Trabalho, entidade de classe dos usineiros, entidade de classe da lavoura, Governo do Estado, Ministério da Agricultura e Instituto do Açúcar e do Alcool — com o fim de procurar sanar as irregularidades que, para a agricultura da cana, decorrem do sistema das contas. Entre outras medidas poderiam ser examinadas as seguintes:

- 1) — Adoção de salários diferenciais, com variações para cima e para baixo, a partir

do valor atual da jornada e segundo o número de jornadas por semana;

- 2) — Criação de vantagens estimuladoras para os trabalhadores assíduos;
- 3) — Extinção do regime das contas ou sua correção e padronização;
- 4) — Cessão de área de terreno a título gratuito aos trabalhadores para cultura de cereais e pequena criação.

III — Entendimentos do Instituto do Açúcar e do Alcool com o Ministério da Agricultura e o Governo do Estado com o fim de ser elaborado e aplicado imediatamente um plano de obtenção de adubo barato. Certas fontes de matéria prima poderiam ser estudadas como as dejeções da cidade do Recife, os resíduos do matadouro daquela cidade, o guano das Ilhas Fernando de Noronha, e as jazidas de minerais fertilizantes existentes no Nordeste. Objetivos essenciais dos estudos seriam os custos e as propriedades dos fertilizantes a serem obtidos.

IV — Estudo de medidas que facilitem a prática da irrigação pelos agricultores. Entre essas, indicam-se:

- 1) — A construção de barragens e canais em cooperação com o poder público;
- 2) — Assistência técnica;
- 3) — Assistência creditória.

V — Distribuição de equipamento agrícola à lavoura, a preços baixos, evitando as margens de intermediários, o que se poderia conseguir com:

- 1) — A compra de grandes partidas desse equipamento diretamente nas fábricas pelos órgãos de classe dos usineiros e fornecedores de cana;
- 2) — Isenção ou redução sensível dos impostos que incidem sobre o material agrícola.

VI — Mecanização progressiva da lavoura, tomando-se as providências tendentes a tornar o uso dos tratores e outras máquinas acessível aos lavradores, o que seria facilitado:

- 1) — Pela compra de grandes partidas por órgãos públicos, com as diminuições de

preços relativos a impostos e margens de intermediários;

- 2) — Venda das máquinas aos agricultores em condições cômodas de preço e pagamento;
- 3) — Criação pelo órgão de classe interessado de postos regionais com determinado número de tratores podendo ter por sede as usinas. Uma mesma máquina prestará serviços a vários interessados, que pagarão aluguel módico, o estritamente necessário para cobrir a amortização e conservação, trabalho do tratorista e combustível.

VII — Medidas tendentes a tornar efetivas as facilidades de crédito agrícola à lavoura e a ampliar essas facilidades, o que se conseguiria:

- 1) — Pela fiscalização do cumprimento da cláusula contratual que estipula a base máxima de 4% (quatro por cento) para juros do financiamento que aos agricultores faz a Cooperativa usando o empréstimo a ela feito pelo Instituto a juros de 2% (dois por cento);
- 2) — Pela simplificação e racionalização do sistema de crédito cooperativo existente;
- 3) — Pela ampliação, se necessária, do crédito aberto pelo Instituto para que não se distancie dos custos de fundação das safras.

VIII — Providências tendentes a fazer chegar ao agricultor as vantagens da ciência e da técnica agrícolas, com:

- 1) — A reforma e ampliação da Estação Experimental do Curado, dotando-a de pessoal e material que se dedique a experimentos sobre rendimentos agrícolas e riquezas de variedades, competições de variedades, adaptação de variedades às condições dos solos, substituição de variedades degenerescentes, análise de fertiço e conservação, trabalho do tratorista etc. Ponto essencial é integrar-se a estação no meio agrícola a que serve, até que os agricultores se capaciem de sua utilidade;
- 2) — Criação de um corpo de agrônomos especializados, vinculados à estação experimental que estivesse em contacto permanente com as áreas canavieiras do

Estado, observando e estudando a cana e os solos, corrigindo deficiências técnicas dos agricultores, ensinando a adubar e a irrigar, prevenindo as ameaças de pragas, etc.

IX — Equipamento das usinas com o fim de ampliar o rendimento e a produção e diminuir os gastos de mão de obra e os custos industriais.

X — Transformação da produção de bagaço em produção de usina, por meio de:

- 1) — Agrupamento de engenhos sob a forma de cooperativas nos grandes núcleos de produção bagaçueira;
- 2) — Propaganda e orientação técnica e econômica no sentido do esclarecimento das perspectivas existentes para a economia bagaçueira e das vantagens da transformação em usinas;
- 3) — Orientação sobre as facilidades oficiais para as cooperativas;
- 4) — Orientação técnica sobre o problema de localização.

XI — Fundação, nas áreas onde existam usinas deficientes, de grandes usinas centrais eficientes. Tal providência, de consequência mais remota, poderia ter seu primeiro passo realizado no caso das usinas localizadas nas proximidades da Distilaria Central Presidente Vargas. Para a ação necessária, recomendar-se-ia:

- 1) — Entendimentos com aquelas usinas para elaboração do plano, constituição de capital, etc.;
 - 2) — Estudo sobre a localização no ponto onde está a Distilaria do Cabo e sobre o aproveitamento do respectivo material;
 - 3) — Estudo sobre as condições em que o Instituto passaria à empresa que se organizasse o material e instalação que possuía no Cabo.
- XII — Resolução que regularize a atual situação dos preços, ficando disciplinados:
- 1) — A unificação das cotações, com a extinção de margens diferentes;
 - 2) — Os tabelamentos locais, mediante entendimentos com as autoridades competentes para evitar margens exageradas de intermediários;
 - 3) — Fixação de preço do tipo filtrado.

Rio de Janeiro, Janeiro de 1946.

NO ESTADO DE PERNAMBUCO (6)

CONFRONTO DAS PRECIPITAÇÕES PLUVIOMÉTRICAS MENSIS OCORRIDAS NAS SAFRAS 1943/44, 1944/45 E 1945/46. — NO ESTADO DE PERNAMBUCO (6)

SAFRAS	CICLO VEGETATIVA DA SAFRA DE AÇUCAR																	
	1942						1943						1944					
	Junho	Julho	Agosto	Setem.	Outub.	Novem.	Dezem.	Janerio	Fever.	Março	Abril	Mato	Junho	Julho	Agosto	Setem.	Outub.	Novembro
1943/44	205	168	220	56	67	12	101	97	174	180	123	184	167	199	162	133	18	57
1944/45	167	199	162	133	18	57	96	18	19	81	268	496	281	200	247	143	26	30
1945/46	281	230	247	145	26	30	29	20	126	96	84	343	343	186	—	—	—	—
NORMAL	303	207	153	82	47	39	48	63	95	183	210	288	260	207	133	82	47	39

(6) — Os dados representam a média em mm. das chuvas caídas nas seguintes estações pluviométricas: Matarei, Cruangi, Santa Teresa, Petribá, Tuma, Capibaribe, Buiões, Distilaria C. Presidente Vargas, Usina Tpojuca, Massauassú, União Indústria, Trapiche, Estrelana, Vacad, Barreiros, Santa Teresinha, Catende, Roçadinho, Água Branca



mais belas da natureza humana e da paisagem. E, toda, poesia sugestiva e, conseqüentemente, sensualista, e até um certo ponto, panteísta, muito embora as sensações, por vezes, sejam unicamente formadas de uma intuição que lembra experiência passada e vivida em tempos que parecem distantes, lendários, memoriais, como nos versos:

Tenho sandálios de terras nunca vistas,
De paisagens nunca admiradas.

Se a experiência poética de Carlos Moreira está diretamente ligada às sensações, se nela tudo parece que é correspondente às sugestões do que vem de fora, contudo as impressões reveladas não têm os limites das manifestações simplesmente físicas. São incontidas, impensoas, têm uma universalidade absoluta. Chegaram mesmo, como é de dizer na *Canção da Primavera*, a se diluírem na paisagem, embora a força que exprime venha espontaneamente do poder transfigurador dos sentimentos humanos:

Vem comigo ao campo,
Em plena primavera,
Enão verás o nosso amor

A Proposito De Um Poeta

(Conclusão da pág. 5)

Ferder o estreito limite
De nós dois...

E' verdade que, às vezes, o poeta confinado na força transfiguradora da poesia, chega a acreditar na influência que ela possa ter sobre certas classes de homens e mulheres, nos quais as fontes dos sentimentos secaram ou foram estupidamente envenenadas pelo ódio nascido da injustiça, da humilhação, das privações da vida difícil, e em vez de convocá-los para a luta de libertação, em versos revolucionários, como tremo de ideal, comovido e ao mesmo tempo revoltado com a situação, em vez de fazer poesia como Whitman nos seus cantos de democracia ou como Garcia Lorca nos seus versos revolucionários, o poeta querendo fazê-los esquecer todos os infortúnios, lança um patético convite, com a crença de que do fundo dos corações desses homens e mulheres ainda podem resurgir os velhos sentimentos mastados pela vida:

Vinde prostitutas tristes,
Vinde homens enlutados,
Vinde os que são só,
Por que a alegria
Chegou com a manhã
E está em mim...

Contudo Carlos Moreira não é um dissipador de poesia, que juntando palavras sonoras e de significado lírico, esteja a distribuí-las a cada passo a propósito de tudo. Há nele uma firme convicção poética que põe fora de qualquer suspeita a possibilidade de ter ficado o seu nome no número daqueles céticos que previram a morte da poesia, quando deviam ter feito uma descoberta mais íntima da morte délica mesmo para qualquer inesperada inspiração, mesmo porque na lógica de um raciocínio tão rigorosamente estático, como marco, estancamento completo, está uma negativa, a incapacidade de prosseguir e acompanhar, por não

reconhecer mais, a poesia que está nascendo todos os dias, até nos lugares onde não se suspeitava que ela fosse encontrada: na guerra, na vida civil, nas fábricas, nos lares miseráveis, no trabalho escravo dos campos. E sendo a fé do poeta tão inabalável, ele estará sempre com ela.

Reposua, pois, tua cabeça fatigada
Sobre o meu peito e chora,
Porque eu te purificarei em poesia.

Resta, somente, agora que a poesia saiu para a rua, procurem o homem, humanizou-se, e Castro Alves é lembrado novamente pelos moços, que Carlos Moreira com a força da sensibilidade que possui, a reconheça e acompanhe em qualquer parte onde ela se encontre, escondida no íntimo dos homens que passam na rua, que trabalham nas fábricas, que têm filhos mas não podem alimentá-los bem nem educá-los, que morrem de tuberculose e deixam viúvas desamparadas. Não é uma poesia bonita, bem azeitada, bem cor-de-rosa. Mas é o que no momento os olhos e os ouvidos da alma do poeta vêem, ouvem e sentem.

Março de 1946.

mano, que não só não erê, como também, não se esforça para atingir a essa fé, **ORE**, por outro lado, na impossibilidade de extinguir o fatalismo da Guerra, ou, pelo menos, de torná-la mais difícil.

Para chegar a tal estado de aperfeiçoamento ou de relativa educação, pois o que nos interessa imediatamente é fazer com que os conflitos sejam mais inconstantes entre a Humanidade, faz-se necessária a convicção de que o Estado já não tem mais o sentido egotístico de organização interna, exclusivamente; acima diste, sobrepe-se um vasto plano: o internacional.

Nesse particular subsistem, até, correntes intelectuais que se extremam, isto é, justificando unilateralmente suas concepções, abstrahindo por completo o fenómeno da organização interna do Estado, para afirmarem definitivamente e categoricamente a univalência de fator externo. Vale a pena inserir este pensamento de Ranke:

"La forma del estado es aquella ordenación de las fuerzas que un pueblo opone a las reacciones exteriores."

Agora essa consideração, o período segue em outras objetivações mais detalhadas, às quais, por motivo de prolixidade, não podem, infelizmente fazer parte deste trabalho.

Justificando em sobreplano a forma do Estado, através do fenomenismo exterior, Ranke subcoloca as forças internas, ou seja, as dispõe em uma escala inferior.

Por mais que se reforcem os grupos sustentadores de uma concepção de Sociedade, baseada em antagonismos irreconciliáveis, a história da vida humana vem, a cada fase que atravessamos demonstrando a debilidade desse ponto-de-vista. Há uma região mais séria, mais limpa e mais pura em cujo recesso nem todos podem penetrar: é o reino do espírito, da elevação moral, do ideal magnânimo pelo qual se bateram os verdadeiros filósofos. Bem dizia Mazzini, que, para as nações cooperarem livremente a prol da evolução da Humanidade, seria necessário que adquirissem a "consciência de sua missão."

A Responsabilidade Extra-Convenção Do Estado Em Face Do Conceito Classico Etc.

(Conclusão da página 18)

E — continuando a traduzir o pensamento do grande italiano do século IX — a compreensão dos "deveres" que poderá trazer a Paz entre nós.

Esses "deveres," a nosso ver, postos em seus limites objetivos e imediatos não são mais do que as obrigações que cada Estado assume para com a Comunidade Internacional. Representam a negação dos estreitismos personalistas e a ante-visão de um ideal mais largo, na qual se consubstanciam a ordem entre as nações, a liberdade dos povos e a pacificação entre os espíritos.

Por essa lição, o Estado assume já a responsabilidade pelo não cumprimento de imposições que a vida internacional transformou, logicamente, em deveres. E, ocorrendo assim, arrisca-se a sofrer as consequências de seu procedimento.

A consciência jurídica internacional, não se pode negar, reprimiu o desviado conceito de soberania absoluta. Sob o aspecto rigorosamente legal, a evolução dos princípios do Direito Internacional está se fazendo de maneira acalentadora para o homem de nosso tempo, nova era em que se prepara a redescoberta do Universo.

Não é inoportuno fixarmos um dos quadrantes que configuram o novo Direito e, do qual, em certa parte, já desfrutamos. Vejamos o exemplo edificante que nos oferece a lei interna. Sabemos que esta nasce e gira em derredor de um centro de gravidade liquidamente estatal. Sabemos que a sua atuação é intramuros, de vez que não existe ainda, e não existirá tão cedo uma lei em seu mais puríssimo

sentido capaz de ser observada por todas as nações, com as mesmas causas e os mesmos efeitos. Em conclusão, faltar-nos-á, por muito tempo, a Codificação do Direito Internacional, e, por isso, a homogeneidade dos sentimentos e aspirações, como nos faltaria, a seu turno, a semelhança das ocorrências intra-estatais, a identidade dos interesses e a igualdade dos fenómenos (o que em boa compreensão não seria fenómeno) internacionais. Em sua, será ainda um anelo remoto a existência de um só embasamento moral, político, econômico e social, de feição universalística, composto de várias fenómenos) internacionais. Em suma, será uma tempera comum. E, como todos esses ideais não são realizáveis em alguns milênios, sentiremos sempre a ausência de tudo o que chamamos — ampla e profundamente — lei.

Constrastando com esse conteúdo real e in-fungível do que significa lei, há, maior em sua superfície, e mais funda em sua projeção interior, a consciência jurídica. E esta, em determinados fatos, abrange certas leis, em seus efeitos. Se não é uma fonte de obrigações internacionais, em se tratando de leis internas, sobressam-se casos, em que ela se torna, de certo modo, obrigatória. Suponhamos a lei que estipula as condições de residência do estrangeiro; poderá ser invocada no momento em que prejudique os mesmos estrangeiros, isto é, contra o Estado que a ditou.

Holtzendorf e Fiore transpõem os limites da concepção de validade uni-estatal das leis internas, quando assemtam que elas constituem verdadeiras leis internacionais, se realmente são adotadas por um grande número de Estados.

Todavia, alguns estudiosos ainda subdividem a chave da Lei e criam a denominação confusa e indeterminativa: a certas, dentre elas, chamam-nas de "quase-internacionais."

Não sabemos como aceitar semelhante batismo. Como podem existir leis quase internacionais? — A lei não é uma permuta de deveres e obrigações, em concreto. Nesta hipótese, pode-se falar de quase-contrato ou de contrato. Isto, porque a lei é, por sua condição intrínseca, definitiva: daí a grande dificuldade em confeccioná-la, posto que, no seu corpo deve conter todas as observações interligadas a fatos presentes, passados e futuros.

Impõe deveres e obrigações. Porém ela não é o dever, como não é a obrigação. Tem um papel indicativo.

E, dentre as que tem esse caráter de leis "quase-internacionais," repontam: as que tratam sobre os tribunais de presas, sobre permanência de navios de guerra beligerantes em portos neutrais, sobre cerimoniais diplomático, etc. Acrescem outras que têm "alcance internacional," em face de resultarem de cumprimento de tratados e que são as que se prendem à pirataria internacional, tráfico de brancas, etc.

E' vaga, a exposição. Não tem um critério objetivo, ou, pelo menos, um critério de franqueza subjetiva. Será melhor não defini-las assim, justificando-se que a sua inserção em determinada categoria de lei seria precipitada, pelo que se recorria a se fazer uma única classificação. Não vemos diferença substancial entre leis "quase-internacionais" e leis de "alcance internacional." Ambas têm "alcance internacional." Ou então seria melhor uma só definição: "leis quase-internacionais."

Deixando à margem a polémica, o que desejamos frisar é que a lei tem em seu âmago o poder de se estender, de abarcar o mundo, de se tornar de tal modo devoluta, que é capaz de contê-lo, na parte que se liga aos seus domínios. Se o seu fundamento é jurídico e equitativo (em sentido amplo), o seu império tende, sempre, a crescer, a completar o seu ideal universalístico.

TECIDOS DE VERÃO



AS LOJAS PAULISTA acabam de receber grande e variado sortimento de tecidos próprios á estação de calor. Voiles, fantasias, "peterpan", cambraias finas, brins de linho, "panamás", muselinas e grande variedade de tecidos de toda espécie.

Homens, senhoras senhorinhas e crianças encontram nas **LOJAS PAULISTA** as melhores e mais baratas fazendas.

Façam uma visita às **LOJAS PAULISTA** e verifiquem os preços melhores da cidade.

Os tecidos marca **OLHO** são os mais recomendáveis pela sua durabilidade e côr fixa.

Lojas Paulista

Rua Nova

Praça da Independência

Largo da Encruzilhada



A capital pernambucana conta desde 1933 com as atividades do Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S.A. que tem posição das mais destacadas, em nossos dias, no aparelhamento bancário do próprio país, como uma de suas instituições de crédito mais sólidas e conceituadas, e de organização modelar.

Nas atividades do Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S/A. até 1936, ano em que passou à Sociedade Anônima, não se vai encontrar aspecto digno de nota a se focalisar, apenas as naturais dificuldades das pequenas organizações sob base de cooperativa de responsabilidade limitada, sem maiores possibilidades.

Eis, porque dá-se, mui naturalmente, como verdadeira fase de começo das atividades da prestigiosa instituição bancária pernambucana, a que se inicia com a sua transformação em sociedade anônima e a participação ativa do comendador Jaime Ferreira dos Santos, na sua gerência, para a qual, atendendo a honroso convite, trazia uma vigorosa inteligência, capacidade de trabalho invulgar e um grande tirocínio bancário, no desempenho de vários cargos de relevo, dentre eles a gerência das filiais do Banco Nacional Ultramarino, no Recife e no Rio

Dez anos são transcorridos já, da investidura do banqueiro Jaime Ferreira dos Santos no importante cargo que ocupa nessa pujante instituição de crédito. E estamos a ver, em dados claros e insofismáveis, os resultados magníficos da orientação inteligente e operosa exercida neste primeiro decênio de trabalho construtivo, durante o qual o Banco Comércio e Indústria de Pernambuco firmou os seus passos, seguiu novos e brilhantes rumos, fixando-se, definitivamente, como um estabelecimento de crédito integrado na própria vida econômica do Estado, do qual é forte esteio e leal propugnador de seu progresso, e uma das suas maiores e mais pujantes instituições bancárias.

A 31 de agosto festeja-se precisamente este décimo aniversário, em meio a justas manifestações de simpatia àquele ilustre homem de negócios, às quais associam-se o comércio e a indústria de Pernambuco, satisfeitos com a sua atuação operosa e dinâmica,

ma defesa dos interesses gerais de Pernambuco e do nordeste, por força do espírito de compreensão e conhecimento real dos nossos problemas, de uma gerência de estabelecimento bancário esclarecida e honesta.

A GERÊNCIA DO SNR. JAIME FERREIRA DOS SANTOS NESTE PRIMEIRO DECÊNIO

Assumindo, em 1936, a gerência do Banco Comércio e Indústria de Pernambuco, o comendador Jaime Ferreira dos Santos passou a imprimir ao novel estabelecimento, já atraído para a sua diretoria outras figuras de maior relevo nos círculos econômicos-financeiros pernambucanos, uma orientação própria, baseada na sua longa experiência, modernizando os serviços e imprimindo aos mesmos um ritmo de trabalho racional e enérgico, providências que fizeram escola e obtiveram seguidores.

Para esse fim era ne-



Foi um acontecimento de grande realce e significação, a abertura da exposição dos novos modelos STUDEBAKER para 1947, promovida pelos snrs. Camara & Cia., à rua do Hospício. Estiveram presentes as altas autoridades, inclusive o snr. interventor general Dermeval Peixoto que se vê, na foto, em palestra com o snr. Ibrahim Nejaim, representante, para todo o norte do Brasil, da famosa marca STUDEBAKER ::

10 ANOS DE UMA ADMINISTRAÇÃO MODELAR

NOVO PREDIO ADQUIRIDO PARA AS SUAS INSTALAÇÕES

sempre voltada à legítima necessidade pôr-se em prática imediatamente, como medida aconselhável a mudança da sede, de um edifício modestíssimo e antiquado na rua do Imperador, para o prédio em que atualmente funciona, moderno e confortável.

Melhor instalado, o Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S.A. poderia, naturalmente, com mais eficiência, servir.

E outro objetivo não trouxe o comendador Jaime Ferreira dos Santos, para o seu cargo: servir. A finalidade de um instituto de crédito é servir, atender às necessidades do meio, incrementar, incentivar o crédito, influir na melhoria das relações comerciais, no desenvolvimento econômico da região.

O apóio indistinto a todos, ao grande industrial, ao grande comerciante, ao importante agricultor. Mas também ao pequeno comerciante, ao modesto industrial, ao incipiente agricultor, parcelas menores entre tanto vitais de um organismo econômico, no qual elas também completam um todo.

Além da retidão nas suas maneiras de agir, na solidez dos seus processos de distribuir o crédito, o snr. Jaime Ferreira dos Santos sempre se afirmou um estudioso dos nossos problemas econômicos, delineando soluções e estabelecendo rumos, dentro de uma nobre, segura e patriótica compreensão do poder do crédito na criação das riquezas.

E, dentro desse programa, em nenhum instante modificou o rumo traçado para o Banco Comércio e Indústria de Pernambuco, que teria, afinal, de surpreender às mais otimistas expectativas e até mesmo ao seu realizador.

OBRAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL AO FUNCIONALISMO

O Banco Comércio e Indústria de Pernambuco, sentimos-nos bem proclamando aqui, — mantém um amplo serviço de assistência social aos seus empregados.

Estes contam com uma Associação de Beneficência, Cultura e Esportes, financiada pelo estabelecimento, a qual tem a incumbência de prestar



Comendador Jayme Santos

assistência médico-dentária e financeira, além de estimular a prática dos desportos e o desenvolvimento cultural, através de certames esportivos e de uma biblioteca.

Atualmente promove a A. B. C. D. uma grande festa desportiva na

cidade, "Olimpiada", sendo a deste ano, a realizar-se nos primeiros dias de setembro, a quarta levada a efeito.

Ainda gosam os funcionários de recompensas, bons salários, ultimamente elevados em face às novas condições de vida, antecipando a medidas de convênios realizados e mesmo superando às tabelas discutidas recentemente no sul por empregadores e empregados.

Todos os anos em junho e dezembro, o pessoal aguarda com vivo interesse o abono semestral, levado à conta dos lucros obtidos e à critério da gerência Jaime Santos, que também se tem afirmado grande amigo dos seus auxiliares.

Conquanto as atuais instalações do Banco Comércio e Indústria não deixem a desejar em conforto e comodidade ao seu pessoal e clientes, esse estabelecimento adquiriu recentemente um grande prédio à avenida Rio Branco, a poucos passos de onde se encontra, por menos de dois milhões de cruzeiros e atualmente com o seu valor certamente duplicado.

Trata-se de sólida construção, com espaçosos salões, e cuja adaptação já foi convenientemente processada, realizando-se o lançamento de sua pedra fundamental, na data de hoje, como parte comemorativa do 10.º aniversário da gerência Jaime Santos.

O ato se revestirá de simplicidade, com a presença de diretores e funcionários do Banco e pessoas convidadas.

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346 — Sala 33-6.º andar

Diretor: Emaraçdo Marroquim
Gerente: Fernando Barros Lima
Chefe de publicidade: Paulo Gomes da Silva

Representante no Rio: Rui Duarte.
Representante em S. Paulo: Aziz Elhinn

Número avulso ... Cr\$ 3,00
Número atrasado ... Cr\$ 5,00

— Todos os livros enviados a esta revista serão restituídos independente de crítica assinada.
— Solicitamos permuta com as publicações.